



Universidad  
de Navarra

PROGRAMAS  
MÁSTER

Instituto de Ciencias para la Familia  
Máster Universitario en Matrimonio y Familia

## TRABAJO DE FIN DE MASTER

Curso Académico: 2018-2019

# ***A ESPIRITUALIDADE CONJUGAL SEGUNDO O PENSAMENTO DO PE. HENRI CAFFAREL***

Nombre: Luiz Mário Gallotti Prisco Paraíso

Dirigido por: Pe. Márcio Paulo de Souza e  
Dra. Elisa Rodrigues de Araujo

**Universidad de Navarra**  
**Máster en Matrimonio y Familia**

**Trabajo Fin de Máster**

**A Espiritualidade Conjugal segundo  
o pensamento do Pe. Henri Caffarel**

Aluno: Luiz Mário Gallotti Prisco Paraíso

Diretores do Trabalho: Pe. Márcio Paulo de Souza e

Dra. Elisa Rodrigues de Araujo

Pamplona, 03 de junho de 2019



# A Espiritualidade Conjugal segundo o pensamento do Pe. Henri Caffarel

Aluno:

Luiz Mário Gallotti Prisco Paraíso

---

Diretores do Trabalho:

Pe. Márcio Paulo de Souza

---

Dra. Elisa Rodrigues de Araujo

---

Ano: 2019

## **Resumo**

A espiritualidade conjugal como caminho de santificação dos casais cristãos foi a pedra angular do pensamento do sacerdote francês Henri Caffarel ao conceber o Movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS). Tinha como objetivo solidificar a relação entre os cônjuges e seus familiares e contribuir com os casais para a busca da santidade conjugal. O desejo inspirador consistiu em proporcionar ao casal a possibilidade de converter a sua vida matrimonial, num verdadeiro estilo cristão de viver este sacramento no cotidiano, integrando a espiritualidade às tarefas humanas e da vida de igreja. A proposta, aos casais unidos pelo matrimônio, foi de vivenciarem uma sexualidade casta, agradável a Deus, sem, contudo, afastarem a nobreza do prazer do ato conjugal. Esposo e esposa, pela espiritualidade conjugal e com auxílio de instrumentos eficazes, seriam capacitados para gerar um itinerário do amor, da felicidade e da santidade em suas vidas, tendo na abnegação o fio condutor desta caminhada.

Palavras chave: Espiritualidade conjugal, vida cotidiana, sexualidade, amor, felicidade, santidade, Pe. Henri Caffarel.

## **Abstract**

Marital spirituality as a way of sanctifying couples was the cornerstone of the French priest Henri Caffarel thoughts, conceiving the Teams Movement of Our Lady (END). It is seen as a way to solidify the relationship between the couples and their families and it also contributes to the search for marital sanctity. The goal was to provide couples the possibility of transforming their marriage life into a true Christian style of living, having it as a sacrament in daily life, integrating spirituality with human tasks and church life. For this, the Christian couples had to experience a chaste sexuality in their marriage, without having to relegate the pleasure of the conjugal act to a secondary plane. Husband and wife, united by marriage, would have in spirituality a way of creating an itinerary of love, happiness and holiness, with self-denial as the guiding thread of this journey.

Keywords: Marital spirituality, daily life, sexuality, love, happiness, holiness, Pr. Henri Caffarel.

## Índice

I- Introdução.....	06
1.1- Quem foi Henri Caffarel?.....	08
1.2- Por que fundou o Movimento das Equipes de Nossa Senhora?.....	12
II- A espiritualidade conjugal e o sacramento do matrimônio na vida cotidiana.....	16
2.1- A espiritualidade conjugal no matrimônio.....	16
2.2- A aspiração de Pe. Caffarel para os casais cristãos.....	19
2.3- Como viver essa espiritualidade?.....	23
2.4- Que instrumentos podem ser utilizados?.....	26
III- A vivência integral da espiritualidade e da sexualidade conjugal.....	31
3.1- Espiritualidade e sexualidade estão entrelaçadas.....	31
3.2- Castidade: virtude vital no matrimônio.....	37
3.3- A sexualidade no cotidiano conjugal.....	40
3.4- O prazer do ato conjugal na vida matrimonial.....	43
IV- A espiritualidade conjugal como itinerário do amor, da felicidade e da santidade.....	45
4.1- O amor de corpo e alma.....	45
4.2- A felicidade como caminho.....	47
4.3- A santidade como desígnio.....	49
4.4- Espiritualidade e santidade, interligadas, exigem abnegação.....	53
V- Conclusão.....	56
VI- Bibliografia.....	59
VII- Anexos.....	61
7.1- Documentos enviados por Pe. Henri Caffarel à Comissão Conciliar para o Apostolado dos Leigos.....	61
7.2- Oração pela beatificação do Servo de Deus Henri Caffarel.....	83
7.3- Fotos.....	84

## **I- Introdução**

O Pe. Henri Caffarel, sacerdote francês idealizador do Movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS) e cujo processo de canonização está em curso desde 2006, é um homem ungido por Deus e pode ser considerado como um profeta dos tempos atuais. Experimentou uma intimidade muito grande com o Senhor, por quem se sentiu escolhido e a quem buscou com tenacidade. Plenificou sua vida em união com Deus, dedicando momentos especiais de profunda oração e espiritualidade, imbuído de fé e esperança e tendo a Palavra como norma, ao ponto de criar uma Escola de Oração, em Troussures, na França.

Atento aos sinais do tempo e convicto do compromisso de alertar aos casais para a conversão e a vivência dos valores evangélicos, o fundador das ENS em toda sua missão sacerdotal se dedicou a profetizar e colaborar para que os casais cristãos pudessem viver o sacramento do matrimônio como um lugar de amor, um projeto de felicidade e um caminho para a santidade. A sua vida, enraizada no Evangelho, foi testemunho de uma experiência própria com Deus, do estabelecimento de uma aliança e de um envio para impulsionar o cultivo de um coração novo ao sacramento do matrimônio.

Com este trabalho se pretende aprofundar os pensamentos de Pe. Caffarel sobre a espiritualidade conjugal como um caminho que conduza o casal cristão à santidade, mostrando a sua íntima conexão com os ensinamentos do Evangelho e com uma verdadeira forma de viver cristãmente a vida cotidiana. E se faz isso com uma experiência conjugal própria, ao lado de Sarita, nestes 30 anos de matrimônio, dos quais, 29 como membros do Movimento das Equipes de Nossa Senhora em Santa Catarina (Brasil).

Apresenta-se com particularidades as inspirações e ousadias que tornaram Pe. Caffarel um dos colaboradores da Igreja para a sinalização de uma forma nítida, em sua doutrina, da possibilidade da santidade conjugal. Este autêntico apóstolo do matrimônio, foi nomeado pelo Papa São João XXIII, com a convocação do Concílio Vaticano II em 1959, como membro consultor da Comissão Pontifícia para o Apostolado dos Leigos,

onde teve a oportunidade de explicar com inteligência seus pensamentos sobre a espiritualidade e o amor conjugal e a grandeza do sacramento do matrimônio.

Pe Caffarel inclusive enviou dois documentos à comissão conciliar onde relatou com detalhes suas pesquisas, estudos e experiência dos até então 20 anos de dedicação no acompanhamento de casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimônio. Os dois relatórios completos, que fazem parte dos anexos deste trabalho, foram assim denominados por ele: *Le mariage chrétien dans l'Eglise au XXe siècle* (O matrimônio cristão na Igreja do século XX), em dezembro de 1960 e *La mission apostolique du couple et de la famille* (A missão apostólica do casal e da família), em maio de 1961.

Ao longo dos anos de convivência e contato com os casais das ENS, como Sacerdote Conselheiro Espiritual do Movimento, ele fez descobertas que o levaram a perceber como, na prática, essa espiritualidade conjugal sugerida, era de fato própria dos casados e auxiliava de maneira direta o bem viver do sacramento do matrimônio. E para entusiasmar e motivar os casais nesta direção, ele ofereceu instrumentos concretos para o exercício no dia a dia, sempre ligados a Cristo e como fonte de complementariedade do amor conjugal.

Pe. Caffarel inovou também ao articular uma conexão entre a espiritualidade conjugal e a vivência da sexualidade no matrimônio, conclamando a Igreja a se manifestar sobre o assunto e suscitando interesse dos casais a se formarem sobre esses ensinamentos. Entendia que era compatível com a busca da santidade conjugal a vivência de uma sexualidade integral e casta, onde o ato sexual prazeroso pudesse ser vivenciado pelo casal cristão como um dom querido por Deus.

Este trabalho almeja mostrar que a espiritualidade conjugal desenhada por Pe. Caffarel, como um itinerário do amor, da felicidade e da santidade, tem na Eucaristia e na Palavra os seus mananciais e na abnegação cotidiana um elemento intrínseco nesta comunidade de vida e amor, fruto do sacramento do matrimônio. O lar cristão, recorda ele, “é escolhido e consagrado por Deus, para oferecer sacrifícios espirituais e para proclamar as maravilhas do Senhor” (Caffarel, 2009, 100).



## 1.1- Quem foi Henri Caffarel?

Filho de Ferdinand Caffarel e Elise Voisin, comerciantes de feltros e artigos de lã, Henri Caffarel nasceu em Lyon, na França, em 30 de julho de 1903. Foi batizado em 2 de agosto do mesmo ano por seu tio Pe. Louis Venard, tendo recebido educação cristã, tanto na família como nas escolas que estudou, inicialmente a Escola Clerical de São Francisco de Sales e posteriormente o *Externat Sainte-Marie*, dirigido pelos Irmãos Maristas.

Num retiro espiritual, após o término do curso, foi lhe apresentada a possibilidade do sacerdócio. Jovem determinado, não convencido ainda de ser essa a sua vocação, decidiu por iniciar os estudos na Faculdade de Direito. Após um início animador passou um período de dúvidas que o fez deixar os estudos e retornar para casa para trabalhar com os pais.

Em março de 1923 se sentiu decididamente chamado pelo Senhor. Havia encontrado “Alguém” que iria mudar o sentido e o rumo de sua vida, como ele mesmo descreveu: “Aos vinte anos, num só instante, Jesus Cristo tornou-se Alguém para mim. Oh, nada de espetacular. Nesse longínquo dia de março, soube que era amado e que amava, e que, doravante, entre Ele e eu era para toda vida. Estava tudo decidido” (Allemand, 1997, 20).

Neste pensamento ele retratou seu modo de ser e agir, com decisão e coragem, com atitude e confiança, assumindo um compromisso sem contestar, mas obedecendo a um chamado com espírito de serviço e a certeza de uma missão. Porém, antes de seguir ao chamado, Henri cumpriu as obrigações com o serviço militar, servindo em Autun entre maio de 1924 e novembro de 1925.

Somente após seguiu o apelo que Deus havia feito, iniciando os estudos numa espécie de seminário para vocações tardias, Irmãos São João, em Auberive, sob a direção do Pe. Vladimir Ghika. Rigoroso e exigente consigo mesmo, Henri enfrentou momentos de fadiga intelectual durante sua formação sacerdotal, encontrando forças de superação com horas diárias de orações, um marco presente em toda sua vida.

Em 1928 com o fechamento da casa de Auberive, Henri Caffarel prosseguiu os estudos de teologia em Paris, no Seminário do Carmo. No ano seguinte, já no Seminário de Issy, chegou ao subdiaconato no dia 25 de maio. Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 19 de abril de 1930, presidida pelo Cardeal Jean Verdier, Arcebispo de Paris, num Sábado Santo. Celebrou sua primeira missa em Lyon, no dia 21 de abril.

No ano seguinte foi nomeado para o Secretariado Geral da Juventude Operária Católica e em 1934 para o Secretariado da Ação Católica para os Meios de Comunicação. A partir de 1936 resolveu abandonar qualquer função oficial e dedicar-se inteiramente ao apostolado: pregar retiros e encontros para juventude em colégios católicos. Em poucos anos estaria aconselhando casais.

No Arcebispado de Paris há inclusive o registro de sua licença para dedicar-se livremente ao apostolado. E foi o que fez! Nos anos que seguiram se multiplicaram suas ações com a criação de movimentos, redação de escritos e cartas, e vivência de uma vida dedicada à oração. Mas a base da espiritualidade conjugal está diretamente relacionada ao Movimento das Equipes de Nossa Senhora, fundado em 1939.

Pe. Caffarel atuou na Comissão Pontifícia para o Apostolado dos Leigos, preparatória do Concílio Ecumênico Vaticano II, como membro consultor, sugerindo um esforço pastoral e doutrinário como forma de suscitar casais que proporcionem à Igreja a riqueza da vitalidade espiritual e a imprescindível cooperação para a expansão do Reino de Deus. No dia 23 de outubro de 1962, em homenagem ao seu trabalho, ele foi nomeado Cônego honorário da Catedral Notre-Dame de Paris (Allemand, 1997, 121- 127).

Seu falecimento ocorreu em 18 de setembro de 1996 em Troussures, na França, local que costumava fazer seus retiros espirituais, onde viveu seus últimos anos de vida e também aonde está enterrado seu corpo. Em seu túmulo, além de pedir para escreverem “Vem e segue-Me”, solicitou que fossem registradas três datas: a do seu batismo, a da sua ordenação e a do início de sua vida no céu junto de Deus.

Em 07 de julho 2005, motivada por iniciativa dos membros do Movimento no Brasil, as ENS a nível internacional constituíram a *Association Les Amis du Père Caffarel* (Associação dos Amigos do Padre Caffarel) para iniciar a sua causa de canonização. A permissão para o início do processo diocesano, através do Arcebispo de Paris, Cardeal André Vingt-Trois, aconteceu em 25 de abril de 2006 e a abertura ocorreu de fato no dia 6 de março de 2007. Pe. Caffarel passa então a receber o tratamento de Servo de Deus.

Na exposição da associação, os amigos do Pe. Caffarel desejam sua canonização por considerar que a sua santidade é de um “profeta do século XX”, um apóstolo do matrimônio e mestre de oração, com toda a sua vida dedicada ao Senhor e em integral fidelidade de amor a Cristo e a sua Igreja. Citam também, entre outras obras cheias de vida, o episódio da criação das ENS, quando ele como fundador proporciona aos seus membros instrumentos reais para a vivência de uma espiritualidade conjugal própria para casais cristãos.

Anteriormente, o também Arcebispo de Paris, Mons. Jean-Marie Lustiger já havia dado a Pe. Caffarel o título de “profeta para o nosso tempo” por considerar seus ensinamentos fecundos e pela iniciativa de apresentar o sacramento do matrimônio como um “caminho de santidade”, antecipando o sopro do Concílio Vaticano II quanto a vocação dos leigos à santidade.

Somente em 10 de novembro de 2014 é que as atas do Inquérito Diocesano de Paris, com 6.000 páginas, foram entregues à Congregação para as Causas dos Santos, em Roma, pelo Postulador Padre Paul-Dominique Marcovits. O Prefeito da Congregação, Cardeal Angelo Amato, assinou o Decreto de Validade do Inquérito Diocesano, em 9 de outubro de 2015.

Atualmente o processo tem como Postulador em Roma para a causa de canonização do Servo de Deus Henri Caffarel, o Pe. Angelo Paleri, que tem experiência e envolvimento no trabalho de postulação de vários santos. Além da redação de um *Positio* sobre a sua vida, a heroicidade das virtudes e a fama de santidade e sinais, o processo aguarda, entre as diversas graças já alcançadas por sua intercessão, uma que seja

considerada um presumível milagre e que possa sustentar o exame dos peritos médicos e ser reconhecido como um verdadeiro milagre.

## **1.2- Por que fundou o Movimento das Equipes de Nossa Senhora?**

O princípio desta inspiração aconteceu quando alguns dos jovens aos quais Pe. Caffarel pregava os retiros e aconselhava espiritualmente, começaram a casar-se. Em 1939, um primeiro grupo destes jovens casais fez um apelo para que ele pudesse se dedicar a lhes acompanhar e orientar na caminhada espiritual e na busca de uma vida cristã íntegra.

Pe. Caffarel lhes falou abertamente que a exigência à santidade também dizia respeito aos que escolhessem o sacramento do matrimônio como vocação, e, iluminado pelo Espírito Santo, sugeriu que pudessem se reunir para juntos pesquisar, estudar e partilhar sobre o matrimônio cristão e a sua missão.

Surgiu então a primeira equipe, que na oportunidade recebeu o nome de Grupo Nossa Senhora de Todas as Alegrias. A reunião inicial, do que seria o princípio do Movimento das Equipes de Nossa Senhora, ocorreu em Paris em 25 de fevereiro de 1939, na Rue Champ de Mars, no lar de Pierre e Rozenn de Montjamon. Além do casal e de Pe. Caffarel, estavam também presentes outros três casais: Gérard e Madeleine d’Helly, Micho e Ginette Huet e Frédéric e Marie Françoise da Chapelle.

As anotações desta reunião histórica (Equipes de Nossa Senhora, 2009, 11-13) trazem o forte anseio dos casais em somar esforços para juntos, com sinceridade e abertura total de coração, procurar entender o olhar de Deus sobre cada lar cristão e desta maneira buscar responder da melhor forma ao seu chamado. Demonstram decididamente o desejo de viver um amor fecundo e de deixar a porta do lar aberta para compartilhar com os outros suas experiências e vivências cotidianas.

Partilham ainda neste encontro o sentimento claro de que este amor fecundo é destinado a crescer continuamente, mas que para isso precisa ser cultivado como um sacramento de unidade. Para tanto, cientes que a vida espiritual a dois não se opõe às vocações espirituais pessoais, já que essas podem ser diferentes, reforçam o compromisso

conjugal de se darem um ao outro e se auxiliarem mutuamente, com objetivo do crescimento e enriquecimento de ambos em Deus.

Com o crescente comprometimento com os casais, que se multiplicavam dia a dia, Pe. Caffarel deixou suas funções de coadjutor na paróquia de Santo Agostinho para se dedicar ao fortalecimento das ENS. Em conjunto dá atenção ao acompanhamento de mais duas inspirações suas: o Movimento de Viúvas Esperança e Vida e a Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição, instituto secular de viúvas.

Além disso ainda buscou tempo para começar a pensar na criação de uma revista, que auxiliasse a promover a espiritualidade dos casais, com artigos, testemunhos e formação. A partir de 1942, com muitos maridos presos em virtude da guerra, ele percebe uma dispersão nas equipes de Paris e a necessidade de um elo de ligação destas equipes com as que já haviam surgido no interior da França.

Cria então um boletim de ligação que chamou de Carta aos Jovens Esposos. Anos mais tarde transforma o boletim em uma revista denominada *L'Anneau d'Or* (A aliança de Ouro), com textos, reflexões e ensinamentos da Igreja para auxiliar os esposos a viverem cristãmente. Sua pretensão era levar os casais cristãos à prática da oração como forma de vivenciar uma vida autenticamente cristã e em íntima união com Deus.

Em seu primeiro editorial, Pe Caffarel delineou claramente aquelas que seriam as orientações essenciais do Movimento das Equipes de Nossa Senhora e que constariam futuramente da Carta Fundadora das ENS (Estatutos), promulgada em 8 de dezembro de 1947. Uma colocação breve, mas com um alcance profundo:

“Queridos amigos, chegou o ano novo. Que ele seja bom para o seu lar! Rezo por vocês. Que Deus seja em sua casa o primeiro a ser buscado, a ser amado, a ser servido. Amem-se: quando cresce a caridade em seu lar, também cresce na Igreja, da qual é célula viva. Amem-se: *ubi caritas et amor, Deus ibi est*. Sejam felizes: o Senhor espera esta louvação, e os que rodeiam vocês esperam este testemunho. Sirvam de reparação para aqueles casais, tão numerosos, que fecham sua porta a Cristo e onde o amor se apaga. Rezem pelas viúvas, cujo sacrifício é fonte de vida para sua família. Ajudem-me. Que Nossa Senhora seja, em suas casas, uma Mãe honrada e querida” (Equipes de Nossa Senhora, 2009,16).

Com a Carta Fundadora das ENS, os seus participantes passam a ter uma orientação concreta que os conduz ao cumprimento fiel das instruções, não por imposição, mas por vontade de perseverar no caminho que estavam trilhando. A Carta deixa claro que os que não tivessem convicção da adesão, poderiam deixar o Movimento sem nenhuma desonra, mas que os que permanecessem o fizessem sem reticências, mas de maneira resoluto.

Em seus estatutos o Movimento das Equipes de Nossa Senhora define como objetivo central a ajuda aos casais a viverem plenamente o sacramento do matrimônio, auxiliando-os a caminhar para a santidade. Propõe que esposo e esposa ambicionem até o fim o compromisso do batismo e vivam para Cristo, com Cristo e por Cristo (Equipes de Nossa Senhora, 2006a, 53).

Embora tenha Nossa Senhora como padroeira e protetora, o Movimento é cristológico e teve seu logotipo uniformizado pelo Colégio Internacional das ENS em 2006, tendo como símbolo um peixe e duas alianças entrelaçadas. O objetivo foi criar um único logotipo para fixar de forma clara a identidade e unidade do Movimento. As ENS têm como carisma a espiritualidade conjugal e a sua mística é baseada no fato de seus membros se reunirem em nome de Cristo, procurarem se ajudar mutuamente e testemunharem permanentemente seu amor e a vivência do verdadeiro matrimônio cristão.

Ao longo da caminhada nas ENS, Pe. Caffarel lançou ainda em 1957 os Cadernos de Oração, com uma condição para quem desejasse fazer a assinatura: comprometer-se a praticar diariamente pelo menos 10 minutos de oração, num encontro silencioso com Deus e sua Palavra. Em 1966 iniciou em Troussures as Semanas de Orações, que davam oportunidade aos participantes, a uma introdução doutrinal à oração e a sua prática (Allemand, 2002, 10-11).

Sua despedida da coordenação das ENS aconteceu em 1973, quando passou a missão para um sacerdote mais jovem, Pe. Roger Tandonnet, pelo qual ele tinha extrema estima e confiança. Num editorial de despedida, em agosto do mesmo ano, intitulado “A

Deus”, Pe. Caffarel pediu que orassem por ele e afirmou que desejava se dedicar exclusivamente a escrever, falar e testemunhar sua vivência de oração interior. Encerrou seu pronunciamento dizendo que “gostaria de poder apertar a mão de cada um de vocês, olhando-o nos olhos. A Deus!” (Allemand e Allemand, 2003,124-127).

Após esse momento ele deixou o Movimento trilhar seus próprios caminhos, de forma independente e sem procurar influenciar com suas opiniões e pensamentos. Foi franco ao comentar que não iria abandonar as equipes, já que considerava as ENS enraizadas em seu coração, mas que iria à maneira de Moisés, se dedicar a orar na montanha.

E foi o que fez: em 1980 se recolheu definitivamente em sua Casa de Oração em Troussures, onde viveu os 16 anos finais de sua vida terrena em profunda oração e intimidade com Deus. Mas mesmo assim, ainda teve a oportunidade de proferir em 1987, uma conferência histórica sobre o carisma fundador do Movimento, em Chantilly, na França.



## **II- A espiritualidade conjugal e o sacramento do matrimônio na vida cotidiana**

### **2.1- A espiritualidade conjugal no matrimônio**

A espiritualidade conjugal germina do seio de um casal que se ama de verdade e que busca, no e pelo sacramento do matrimônio, santificar a sua vida cotidiana. Esposo e esposa, unidos e convictos, se entregam para o espiritual como fonte primária de abastecimento da vida matrimonial. Se deixam conduzir por inteiro pelo Espírito em sua caminhada à santidade e fruto desta entrega, convertem o viver matrimonial numa revelação de uma espiritualidade encarnada, existida e associada as suas próprias vidas.

O aperfeiçoamento desta espiritualidade se dá por meio de um legítimo amor conjugal, integral e absoluto, que se aprimora e complementa com uma união fecunda ao amor de Deus. Da junção conexas destes dois amores nasce e se fortalece a espiritualidade conjugal que se expande a toda vida familiar.

É pela presença da Trindade no templo da comunhão matrimonial, que Deus infunde sua graça no coração de cada casal, tornando-o reflexo do amor de Cristo pela sua Igreja. A espiritualidade conjugal é, portanto, uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino (Francisco, 2016, n. 314-315).

Viver na realidade do cotidiano essa espiritualidade, requer do casal cristão uma ascese permanente de vida, de encontro e comunhão dos cônjuges com Cristo. O casal precisa ser um verdadeiro buscador, necessita se entregar, junto e em unidade, à vontade de Deus em suas vidas e incorporar a certeza de que a busca da santidade na vida conjugal é atingível.

Vida conjugal que encontra sua plenitude e é robustecida através de um consentimento livre e voluntário no sacramento do matrimônio, ato de amor que marca uma fusão de corpos e almas. Dois seres que se amam e que por esse consentimento se comprometem a viver fielmente as propriedades essenciais do matrimônio: unidade (um

só homem e uma só mulher) e indissolubilidade (para toda vida). Duas propriedades distintas, mas com um fim comum: uma comunidade conjugal vivida em plenitude de unidade.

E se amam pelo fruto de um ato de desejo e de escolha. O amor conjugal é um amor plenamente humano, de vontade livre, própria e espontânea, que requer ser vivido em sua totalidade, com fidelidade, exclusividade e fecundidade. É um amor ao mesmo tempo espiritual e sensível (Paulo VI, 1968, n. 9).

Esse amor puro é que funda o matrimônio, como alertou o Papa São Paulo VI, em seu discurso na peregrinação das Equipes de Nossa Senhora a Roma e Assis, em 22 setembro de 1976, na presença de 1500 casais de 19 países:

“O matrimônio – não cessamos de o lembrar – é uma comunhão fundada no amor e tornada estável e definitiva por uma aliança e um compromisso irrevogáveis. O verdadeiro amor é, pois, o elemento mais importante desta comunhão: o amor que é doação, renúncia, superação. Mas esta comunhão uma vez sigilada, deixa de estar à mercê dos altos e baixos de um querer humano, subjetivo, mutável e instável. Ultrapassa as alterações da paixão e da arbitrariedade dos cônjuges” (Equipes de Nossa Senhora, 1976, 5).

A aliança do casal pelo matrimônio faz esse amor alcançar toda essa sacramentalidade pretendida por Cristo, não apenas neste encontro de cada um dos cônjuges com Ele, mas substancialmente no encontro dos dois esposos com o próprio Deus. Pe. Caffarel dizia que essa união em cada casal cristão se assemelha a união Cristo-Igreja, e não apenas se revela como também se atualiza: “na união homem-mulher, célula da Igreja, manifestam-se e realizam-se a vida e o mistério da união Cristo-Igreja” (Caffarel, 2009, 209).

E essa união não se caracteriza com um simples fato ou acontecimento. Vai muito além, pois pressupõe uma vinculação mútua, uma participação profunda na natureza do outro. Trata-se de uma verdadeira unidade de naturezas, e não apenas um vínculo jurídico, mas uma orientação ontológico-vital estável para uma enriquecedora intercomunicação

de duas pessoas, modalizando e comprometendo a vida e a personalidade de cada um (Hervada, 2000, 106).

Pelo matrimônio homem e mulher se tornam uma só carne, como assegura o Livro do Gênesis: “Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une a sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne” (Gn, 2-24). Permanecem duas pessoas distintas e de natureza individualizada, porém unidas por um vínculo pleno e total, com toda sua virilidade e feminilidade, formando uma comunidade indivisível de vida e amor, aberta para a geração e educação de sua prole.

Esse fidedigno matrimônio se constitui uma unidade de dois transformada numa comunidade de vida e amor, onde esposo e esposa tem o dever de amar-se como casados, com um amor conjugal comprometido, com a obrigação de deixar envolver sua vivência matrimonial inteira, ao ponto de se amarem, um para o outro como a si mesmos. “Portanto os maridos devem amar suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama sua mulher, está amando a si mesmo” (Ef. 5,28).

E para que isso ocorra o casal cristão precisa transparecer em seu rosto a leveza da presença do Cristo em sua união, através de uma espiritualidade conjugal que transforme todas as realidades do cotidiano numa forma de aproximação a Cristo e de caminho de santidade, vivendo cristãmente os acontecimentos do dia a dia.

## **2.2- A aspiração de Pe. Caffarel para os casais cristãos**

Justamente para proporcionar aos cônjuges a possibilidade de viverem a essência do matrimônio, o ser uma só carne, e também para cumprirem a sua missão como casal cristão, foi que Pe. Caffarel fundou em 1939 o Movimento das Equipes de Nossa Senhora. E idealizou na expressão espiritualidade conjugal a forma para exprimir com precisão a razão de ser do Movimento e o seu verdadeiro âmago e originalidade: a busca da santidade conjugal no dia a dia.

Pe. Caffarel definia a espiritualidade como uma ciência que trata da vida cristã de forma integral e dos caminhos possíveis que a direcionam ao seu pleno e total desabrochar. E destacava com clareza que uma vida cristã integral vai muito além de adoração, louvor e esforço interior, pois abarca a vida por inteiro, é ativa e exige cumprimento de missão e serviço de Deus, no lugar por Ele designado, ou seja, na família, no trabalho, na sociedade ... (Caffarel, 2009, 6).

Ao criar as ENS o “profeta para o nosso tempo” tinha como objetivo fundamental auxiliar os casais cristãos a viverem plenamente as riquezas do sacramento do matrimônio e a acreditarem na possibilidade de experimentarem uma espiritualidade como caminho à santidade conjugal. Aspirava que vivessem isso no cotidiano da vida familiar, em todos os momentos e segundo a vontade de Deus.

A ideia de Pe. Caffarel de exercitar uma espiritualidade em jovens casais cristãos como caminho para santidade, foi ao mesmo tempo ousada e iluminada, para aquele período pós-guerra. Transpôs a tradição de uma busca da santidade, própria para os religiosos, e estendeu essa possibilidade também aos leigos e em especial aos cônjuges, explicitando de forma concreta a possibilidade de diferentes espiritualidades como percurso para a santidade.

Por muitos séculos, a espiritualidade conjugal proposta aos que elegiam o sacramento do matrimônio e se mostravam vocacionados a uma vida matrimonial a dois, era totalmente incompatível e inatingível com a vida a que os leigos casados eram

chamados a ter no âmbito familiar, profissional e social do dia a dia. Era na verdade uma espiritualidade monástica que não se amoldava a realidade matrimonial.

Nas primeiras décadas do século XX o Papa Pio XI clamava por uma renovação do matrimônio que iniciasse pelo conhecimento real deste sacramento por parte das inteligências humanas, através da busca da vivência da verdadeira doutrina de Cristo a respeito do matrimônio. E mais ainda, conclamava aos esposos cristãos que buscassem, na graça interior de Deus e numa vida íntima de oração, os fundamentos que os levassem a viver e proceder conforme a lei de Cristo, pela qual iriam assegurar para si próprios e suas famílias, a legítima felicidade e paz (Pio XI, 1930, n. 1).

E é neste cenário de transformações que Pe. Caffarel tem a inspiração divina de iniciar um acompanhamento a jovens casais cristãos, defendendo com insistência e convicção uma espiritualidade própria para os esposos. E ainda mais, uma espiritualidade como caminho conjugal à santidade, algo tão pouco imaginado naquela época em se tratando de casais.

Em sua visão não haviam duas santidades ou dois evangelhos. Havia uma só santidade para a qual todos os filhos de Deus eram convidados a buscar, e apenas um Evangelho que deveria ser a base para este caminho de santidade. Considerava que embora a forma de vida cristã fosse diferente, não afastava nenhum discípulo de Cristo de esforços essenciais para essa caminhada, como a oração, o jejum, a renúncia e a abnegação (Equipes de Nossa Senhora, 1973, 1-2).

O mestre de oração avaliava que, independente de ser monge ou leigo, ambos por pertencerem a Cristo, precisavam viver e dar seu testemunho onde se encontrassem, quer estando mais afastado do mundo ou quer estando inserido ativamente no mundo. Lembrava ele que monges e leigos são igualmente “estrangeiros e peregrinos” (1 Pd 2,11).

E ratificava sua certeza usando argumentos do próprio Evangelho, mostrando que Jesus exigia de todos por igual: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará

no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7, 21). E que Cristo também chamava a todos igualmente: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Na mesma linha de pensamento, a partir da metade do século XX, San Josemaría insistia permanentemente que os casados são chamados a santificar seu matrimônio e a se santificarem nessa união. Dizia com precisão que os cônjuges cometeriam um grave erro se construíssem sua conduta espiritual de costas ou à margem de seu lar. Para ele, a vida familiar, os relacionamentos conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, a seguridade econômica da família e o relacionamento com as outras pessoas da comunidade social, são situações humanas que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar (Escrivá de Balaguer, 1973, n. 23).

A verdade é que anos depois o Concílio Vaticano II, através da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, afirmaria que os esposos cristãos, que exercem seu “múnus conjugal” e familiar imbuídos do Espírito de Cristo, através do sacramento do matrimônio, são robustecidos e até mesmo consagrados para os deveres e dignidades inerentes a este sacramento. E asseguraria que desta forma os casais se aproximam cada vez mais da sua própria perfeição e mútua santificação, contribuindo para a glorificação de Deus (*Gaudium et spes*, 1965, n. 48).

Portanto, Cristo exerce seu múnus profético também através dos leigos constituindo-os testemunhas e provendo-os com o senso da fé e a graça da palavra (*Lumen Gentium*, 1964, n. 35). Esposo e esposa pelo exercício de seu “múnus conjugal”, através do testemunho de vida e do anúncio de Cristo, aliados a uma vivência autêntica do compromisso mútuo assumido, tornarão realidade a sacramentalidade do seu matrimônio. Ambos serão arrebatados a fazer acontecer na sua vida a dois, este sinal sacramental a que são chamados pelo consentimento dado na cerimônia de celebração do sacramento do matrimônio.

E são interpelados desta forma a viverem de forma concreta a sua vocação batismal, pela prática das exigências de santidade já originárias pelo próprio batismo de

cada um deles. Sendo o batismo o sacramento da fé, o fundamento de toda a vida cristã e a porta de entrada na Igreja, é também intrínseco aos esposos em seu matrimônio.

Pe. Caffarel assinalava que os casais cristãos devem buscar ser fiéis às promessas batismais e a ter o Cristo como o centro de suas vidas. Precisam transformar o Evangelho na base de suas vidas cotidianas conjugal e familiar, estarem abertos aos desígnios de Deus e testemunharem, no dia a dia, pelas suas próprias vidas, o amor do Pai, levando a mensagem de Cristo sem limites (Equipes de Nossa Senhora, 2006a, 12).

### 2.3- Como viver essa espiritualidade?

Viver uma espiritualidade conjugal dentro de uma realidade matrimonial requer uma série de exigências e inúmeras obrigações, próprias dos esposos. Os cônjuges precisam experimentar o imprescindível amor conjugal, ter total abertura à vida, se dedicar à educação dos filhos, vivenciar a apropriada sexualidade matrimonial, cuidar com atenção da família, se realizar no trabalho, estar engajado na sociedade, cumprir seus deveres cívicos...

E em tudo isso esposo e esposa precisam estar abertos à graça de Deus e a ação do Espírito Santo em suas vidas matrimonial e familiar. Para viver uma espiritualidade conjugal é necessário inicialmente entender a vocação batismal, inserir-se intensamente na vivência dos sacramentos e ter intimidade profunda e permanente, tanto com a Palavra de Deus, fonte inspiradora, como com a Eucaristia, raiz e essência da verdadeira vida cristã.

Pe. Caffarel dizia aos casais dos primeiros grupos que precisavam fazer do Evangelho a norma de sua família, entendendo que é o próprio Jesus Cristo que os fala, e não apenas um compêndio de suas ações. É uma carta de Deus endereçada a cada cristão e que deve atuar nos cônjuges e na vida familiar.

O grande desafio dos casais cristãos na atualidade é encontrar um equilíbrio mínimo para viver essa norma evangélica nos dias de hoje, numa vida cotidiana conturbada e altamente influenciada pelo mundo midiático. Numa época de predomínio do virtual sobre o natural e do racional sobre o espiritual, o casal precisa ser de fato artífice de num novo tempo, buscando se reinventar e transformar a rotina da sua vida conjugal em algo mais profundo e sensível. Precisa ser mais humano e espiritual.

Com isso transformará toda a sua vida matrimonial em um andar divino e iluminado por Deus sobre a terra. Os cônjuges devem em todas as situações cotidianas viver essa vocação sobrenatural como caminho de santificação, ou seja, necessitam



santificar o lar no dia a dia, criando com carinho um autêntico ambiente familiar que exercite as virtudes cristãs (Escrivá de Balaguer, 1973, n. 23).

É essencial, portanto, não separar a vida diária do caminho à santidade. Ambas são uma via de mão única, pois necessitam caminhar em unidade de princípios e valores, com procedimentos que reflitam os ensinamentos de Jesus, que incorporem permanentemente as virtudes cristãs. Há uma única vida e o cristão só a viverá em plenitude a partir do seu encontro com o Senhor. Não existe cristão pela metade. Ou se é cristão, ou não!

E para que os casais cristãos pudessem vivenciar essa homogeneidade e plenitude no matrimônio, Pe. Caffarel os conclamou a perceberem a profunda unidade existente entre a Palavra e o Cristo. Ousou, nos seus escritos aos casais, comparar o Evangelho com a Eucaristia, invocando para isso duas frases evangélicas de Jesus: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna” (Jo 6,54), referindo-se à Eucaristia, e “Se alguém guardar a minha Palavra, não verá a morte jamais” (Jo 8, 51), comentando sobre a sua Palavra.

Então, para buscar viver a vocação matrimonial com espiritualidade, os cônjuges foram instigados a terem suas ações solidificadas pelos ensinamentos da Palavra, não apenas como um preceito ou ensinamento, mas como uma forma de vida, um ato de amor, um compromisso diário insubstituível. Por isso o fundador das ENS falava do Evangelho como um livro enormemente perturbador, pois sua ação direcionava para a perda de tranquilidade e tornava a vida mais difícil e exigente.

Exigência que se faz presente no dia a dia da vida conjugal e familiar, nas atividades próprias do casal e mesmo nas conjuntas com os filhos, no ter tempo disponível para cada coisa. O lar cristão que vive a espiritualidade no cotidiano tem que santificar todas as coisas, sejam prazerosas ou não tão prazerosas, sejam alegres ou tristes, sejam almejadas ou indesejadas.

E fazer isso não por obrigação, mas com naturalidade, num clima de harmonia e paz, que demonstre a presença permanente do Cristo, através de um ambiente familiar tranquilo, sereno e restaurador. Um local onde todos seus membros se sintam acolhidos e desejosos por estarem juntos, em fraterna comunhão, numa atmosfera de hospitalidade.

E ao transformar a Palavra em vida, o casal cristão experimenta no seu íntimo a necessidade dessa comunhão plena com Cristo. E isso o conduz a busca e a presença ao segundo ponto, a Eucaristia, como forma de alimento que renova e dá vitalidade. Os cônjuges se fortalecem através dela e experimentam concretamente o Cristo em suas vidas, entendendo mais profundamente essa conjugação na qual foram inseridos através do sacramento do matrimônio.

Dizia Pe. Caffarel: “Pela Eucaristia, Cristo comunica ao casal as energias vitais de sua humanidade gloriosa, que o sacramento do matrimônio utiliza e põe em ação para a santificação da comunidade conjugal e familiar” (Caffarel, 2009, 82). A Eucaristia é a fonte que solidifica a espiritualidade conjugal e faz esposo e esposa trilharem, fortalecidos por Cristo, o caminho da santidade.

## 2.4- Que instrumentos podem ser utilizados?

Para possibilitar a vivência da espiritualidade conjugal no matrimônio no dia a dia, Pe. Caffarel propôs ao Movimento das Equipes de Nossa Senhora que oferecesse aos casais seis Pontos Concretos de Esforço (PCE), itinerário de verdadeira ascese para perseverarem neste caminho de santidade. São instrumentos de progressão para um encontro com Cristo mais frequente, sólido e fortalecido, e que proporcionam orientações aos casais para seguirem uma direção de crescimento espiritual e humano.

E esses pontos concretos tornaram-se uma característica fundamental do Movimento, correspondendo a atitudes interiores que precisam ser despertadas e assimiladas pelos seus membros, como forma de os conduzirem a uma nova maneira de viver, mais próxima de Deus. Os seis pontos idealizados por Pe. Caffarel são:

1) Escuta da Palavra – “A Palavra de Deus é viva, eficaz” (Hb 4,12).

Demonstrando todo seu amor pelo “livro perturbador” ele propôs um encontro diário com a Palavra, num tempo a sós para ler uma passagem da Bíblia, em particular dos Evangelhos, e refletir sobre ela em silêncio. Desejava que seus membros pudessem escutar Deus pelas escrituras.

2) Meditação – “Sede perseverantes, sede vigilantes na oração” (Cl 4,2).

Motivando para um momento exclusivo com Deus, para uma conversa com Ele, Pe. Caffarel sugeriu uma meditação íntima e silenciosa com o Senhor, de pelo menos 10 minutos ao dia, onde não impôs regras rígidas, mas alertou para necessidade da perseverança e da regularidade.

3) Oração Conjugal – “Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade” (Jo 17,23).

Desejando que esposo e esposa rezassem juntos todos os dias, renovando o seu “sim” a Deus e atingindo uma profunda unidade com o Pai, o mestre de oração indicou uma partilha de vida em forma de oração com o Senhor, como caminho para união de seus corações com Cristo. Recomendou também a oração diária em casal do Magnificat.

- 4) Dever de Sentar-se – “Sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo”  
(Ef 5,21).

Visando proporcionar um diálogo aberto e sincero de avaliação da jornada matrimonial e da prática do auxílio mútuo, Pe. Caffarel imaginou um encontro mensal para ajudar o casal a se revelar abertamente e também a se conhecer melhor, fugindo da rotina e mantendo sempre vivo o amor conjugal. É uma oportunidade para esposo e esposa se descobrirem e se amarem ainda mais.

- 5) Regra de Vida – “Aplicai-vos a fazer o bem diante de todos os homens”  
(Rm 12,17).

Almejando um transbordar prático e visível, o “profeta para o nosso tempo” concebeu a ideia de esforços especiais, tanto individuais como conjugais, como propostas de conversão. Esposo e esposa são chamados a escolher e assumir livremente regras de vida que os façam melhor caminhar na direção de Deus, não esquecendo a constante e necessária revisão e o permanente aprimoramento.

- 6) Retiro Anual – “Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco”  
(Mc 6,31).

Objetivando o fortalecimento de todos os pontos e a criação de um tempo privilegiado para um encontro mais significativo com o Senhor, Pe. Caffarel idealizou a realização de um Retiro Anual, de no mínimo 48 horas e se possível em casal, para reflexão sobre a vida na presença de Deus e para uma oportunidade de renovação espiritual.

Mas para que esses instrumentos contribuam de fato para essa espiritualidade fazer brotar uma vida evangélica e eucarística, o lar cristão necessita estar aberto à graça de Deus e à ação do Espírito Santo, aos quais Pe. Caffarel creditava o poder transformador, que agia primeiramente em cada um dos cônjuges para torná-los, individualmente, imagem do Filho de Deus. Só depois, dizia ele, atuaria no casal:

“Se por um lado o Espírito deseja fazer de cada cônjuge uma imagem do Cristo, por outro trabalha para fazer do casal uma imagem da união de Cristo e da Igreja. O casal é uma pequena Igreja onde Cristo está presente; e o Espírito Santo nela trabalha para realizar esta união do Cristo e da Igreja. Contudo, Ele só será o artífice desta unidade e desta comunhão se encontrar no casal uma generosa cooperação” (Equipes de Nossa Senhora, 1983,1).

Na visão de Pe. Caffarel a ação do Espírito Santo atua de forma determinante na estrutura dinâmica da vida cotidiana do casal que engloba a própria vida pessoal de cada um dos cônjuges; a vida espiritual e humana dos esposos que os une e faz viverem uma vida partilhada; e por último a obra comum do casal. Essa verdadeira trindade conjugal requer a adesão de coração de cada cônjuge e um compromisso de se amarem plenamente, dando-se um ao outro e buscando criar uma unidade, um autêntico dar-se juntos. Precisa com toda certeza desta cooperação generosa.

O que o fundador das ENS aspirava era que toda a vida familiar dos casais cristãos pudesse ser mais cristianizada, ou seja, que se procurasse o legítimo sentido cristão em todos acontecimentos e realidade familiares do quotidiano. E elencava aspectos como o amor conjugal, a paternidade e a maternidade, a sexualidade, a educação dos filhos, a fidelidade conjugal, enfim todas as características essenciais de um matrimônio cristão.

Reforçadas por elas o casal cristão precisa ainda ser sempre mais criativo a cada dia, trazendo novas fórmulas para alcançar esse objetivo, que passem pela vivência de um matrimônio que simbolize a unidade de uma só carne e que tenha uma convivência pacífica e serena. Que seja um relacionamento a dois baseados no respeito perene, no auxílio e incentivo mútuo, numa amizade conjugal preponderante e num vínculo familiar essencial.

Para isso Pe. Caffarel sugeria que os esposos optassem por aquilo que chamou de “estilo cristão do casal”, que deveria englobar a relação entre todos (esposos, pais, filhos, avós, amigos); que precisaria ser envolvente (casa, mobiliário, vestuário, refeições, despesas); que necessitaria englobar todas as atividades quotidianas (trabalho, lazer, levantar, deitar, acolher); que diferenciase os dias da semana (não viver o domingo, dia do Senhor, como a sexta-feira ou como os outros dias da semana); que valorizasse os grandes acontecimentos da vida (nascimento, batismo, doença, dificuldades, morte); enfim, que os cônjuges vivessem cristãmente todos esses momentos fazendo que Deus fosse glorificado em todas as coisas (Caffarel, 2009, 49).

Mas isso exige de esposo e esposa uma ascese constante e um respeito à caminhada individual de cada um. Bem dizia Pe. Caffarel, em diversos de seus escritos, que a espiritualidade é um caminho inicialmente pessoal, onde a gradualidade intrínseca a cada um dos cônjuges precisa ser considerada, pois cada um deles dá a resposta no seu tempo, de acordo com a abertura à graça de Deus e como fruto da ação do Espírito Santo. Quando essa espiritualidade é vivenciada conjugalmente torna esses casais distintos dos demais e os concebe uma missão própria, com características diferenciadas e exigentes.

O crescimento espiritual de um casal cristão tem que ser pacífico, constante e progressivo. Não se pode transformar o lar unicamente numa casa de oração, própria dos monges, mas precisa-se criar um clima diferenciado que o aproxime mais de Cristo, que o identifique com um lar cristão e proporcione este desenvolvimento espiritual nos cônjuges e na própria família. Tudo com muita serenidade e naturalidade. Mas sem postergações!

Os cônjuges precisam transformar seu lar num ambiente onde a prudência, o respeito, a sinceridade, a humildade e o amor estejam presentes. Assim constituirão a verdadeira família cristã, a pequena igreja doméstica que mantém viva e perene a graça do sacramento do matrimônio e é chamada a “reproduzir em sua dimensão própria as funções da missão da Igreja: ser comunidade de fé, de caridade, de oração e comunidade apostólica” (Sarmiento, 2012, 22).

Comunidade que priorize a missa dominical e a reza do terço em família, que mantenha vivo os momentos de oração antes das refeições, o cultivo da Palavra de Deus com a leitura da bíblia, a participação de adorações e dos principais momentos litúrgicos da Igreja e a sua fundamental inserção na comunidade paroquial. Todas essas são situações propícias e eficazes para esse crescimento espiritual do casal e da família.

Para plenificar essa caminhada, esposo e esposa necessitam possuir um convívio diário caracterizado pela amizade e revestido de carinho. Os cônjuges precisam santificar o lar, criar um ambiente verdadeiramente cristão e familiar. Um ambiente onde se sinta a presença de Deus e se exercite as virtudes cristãs. “Assim todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do corpo e da alma, se praticados no Espírito, e mesmo os incômodos da vida pacientemente suportados, tornam-se ‘hóstias espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo’ (1 Pd 2,5)” (*Lumen gentium*, 1964, n. 34).

O certo é que, os esposos que tem desejos espirituais profundos e elevados, não devem imaginar ou sentir que a família possa os afastar ou impedir deste crescimento na vida do Espírito. Pelo contrário, a família é um percurso de que o Senhor se serve para levar os cônjuges às alturas da união mística (Francisco, 2016, n. 316). Os cônjuges cristãos precisam desabrochar o sacramento do matrimônio num dar-se diário de um para o outro, auxiliando-se abertamente nesta caminhada para a santidade.

Assim poderão desempenhar a verdadeira missão do casal cristão, dando testemunho concretizado no exemplo real de vida, no compromisso, no apostolado, na adesão de coração ao chamamento de Cristo para vivência de uma aliança de um amor que é santo, sagrado e divino. Um amor que exige momentos favoráveis de intimidade e encontro com o Senhor.

### **III- A vivência integral da espiritualidade e da sexualidade conjugal**

#### **3.1- Espiritualidade e sexualidade estão entrelaçadas**

Espiritualidade e sexualidade se entrelaçam de forma significativa e integral na vida dos casais cristãos que transformam sua vivência cotidiana num ato de amor contínuo e legítimo, num viver um para o outro a unidade de dois. Se pela espiritualidade conjugal o casal se encontra no seu âmago com Deus, pela sexualidade no casamento, esposo e esposa, se tornam um sinal vivo e uma garantia de comunhão espiritual.

A sexualidade é uma dimensão da pessoa humana que envolve seus dinamismos físico, psíquico e espiritual, e é essencial que na unidade de corpo e alma de cada pessoa, haja uma integração entre eles. E para uma expressão fidedigna da sexualidade conjugal, o dinamismo espiritual deverá sempre guiar e ser o condutor dos outros dois, na busca da plenitude da doação pessoal dos esposos em sua relação sexual.

O Papa São João Paulo II instruiu na Exortação *Familiaris Consortio* que para que esse entrelaçamento aconteça, é fundamental que o amor conjugal abrace por completo também o corpo humano, transformando-o em participante ativo do amor espiritual. E propôs com precisão:

“...a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente” (João Paulo II, 1981, n. 11).

A doação a que se refere São João Paulo II não pode jamais ser considerada uma fusão, pois cada ser humano permanece com sua personalidade distinta, porém inicia no matrimônio uma longa caminhada de vida conjugal que tem como meta cumprir a grande



lei do amor, do dar-se um ao outro para se darem juntos. Esposo e esposa se doam totalmente e decidem constituir um lar onde o ponto de equilíbrio esteja baseado na harmonia entre a vida pessoal de cada um, o partilhar e por tudo em comum e finalmente o idealizar e concretizar a obra conjunta do casal e da família.

A Palavra de Deus é fecunda neste sentido. São Paulo orienta com exatidão: “não sois mais de vós próprios” (1Cor 6,9) e igualmente recomenda que “os vossos corpos são membros de Cristo, templos do Espírito Santo...; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo” (Cf. 1Cor 6,13-20). E é isso que se vê tanto quando Tobias, com reta intenção, levantando-se do seu leito convida Sara para uma oração ao Senhor, antes de se entregarem como esposos e se deitarem para passar a noite (Cf. Tb 8,4-9), como também nos cantos atribuídos ao rei Salomão, que relatam a voz daqueles que se amam profundamente: “O meu amado é para mim e eu sou para o meu amado” (Ct 2,16).

A Sagrada Escritura do mesmo modo ensina de forma límpida que o amor é fértil por sua própria natureza e que expressar esse amor é um fim intrínseco da sexualidade. Assinala com clareza que a diferenciação e complementariedade sexual do homem e da mulher estão dispostas à mútua ajuda, e quando tem lugar a linguagem da sexualidade, ordenadas à geração de vida. A sexualidade está, portanto, orientada a ser canal de efusão de amor e de força geradora de vida (Sarmiento, 2012, 45-46).

Isso está cristalino nos relatos da criação: “E Deus criou o homem a sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher. E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra’” (Gn 1, 27-28). E o ser humano foi de fato criado à imagem e semelhança de Deus, num ato de profundo amor. Deus fez um chamado pessoal para o amar plenamente e viver esse amor como uma vocação fundamental e inata de todo ser humano.

Por isso os atos que unem esposo e esposa, íntima e castamente, são honestos, dignos e agradáveis a Deus. Porém, desde que realizados de uma maneira verdadeiramente humana e espiritual, desde que testemunhem e desenvolvam a mútua

doação pela qual os cônjuges se enriquecem e transbordam numa alegria e agradecimento sincero de coração (*Gaudium et spes*, 1965, n. 49).

Na vida do casal cristão a sexualidade precisa estar integrada num todo indivisível que compõe o ser humano e que engloba uma união profunda de seu corpo e espírito, seus sentimentos e paixões, seus sentidos e sua forma autêntica de amar. Se a sexualidade não estiver integrada a todo esse contexto, se ela for apenas instinto, ela não exerce seu papel autêntico. O relacionamento conjugal que une esposo e esposa se torna inexpressivo, vazio e incapaz de traduzir através da relação sexual a manifestação do amor pleno e total e a expansão espiritual harmônica.

Nessa união amorosa, franca e fiel, esposos realizam concretamente o duplo fim do matrimônio cristão: o bem dos seus cônjuges e a transmissão à vida. “Esses dois significados ou valores do casamento não podem ser separados sem alterar a vida espiritual do casal e sem comprometer os bens matrimoniais e o futuro da família. Assim, o amor conjugal entre o homem e a mulher atende à dupla exigência da fidelidade e da fecundidade” (Catecismo, 1999, n. 2363).

A fidelidade, imprescindível para a vivência do real amor e edificação dos esposos, é retratada por um compromisso de amor e entrega total e exclusiva entre eles, intrínseco do vínculo matrimonial constituído. Envolve não só a intenção de viver esse pacto, mas também o fato de realmente vivê-lo, de manter a palavra dada.

A fecundidade é um dom que representa o fato de o amor conjugal tender naturalmente a ser fecundo e expressa o querer o bem da prole, estando disposto a assumir os verdadeiros compromissos da procriação e educação dos filhos. Esposo e esposa são chamados a dar vida, participando assim do poder criador e da paternidade de Deus.

Na caminhada matrimonial de vivência e testemunho dentro do Movimento e da Igreja, percebesse que esse viver a sexualidade íntima e castamente era, e ainda é atualmente, muito desconhecido dos casais cristãos. O próprio Pe. Caffarel, em seu convívio com os grupos das ENS, sentia por parte de seus membros uma despreocupação

com a qualidade humana da relação sexual e uma impaciência, e até quase revolta, em relação às exigências da “lei da Igreja” e ao seu cumprimento fiel.

Frente ao mundo moderno, erotizado e instantâneo, viver integralmente um amor plenamente humano e total, fiel e exclusivo, torna-se um desafio que poucos casais procuram e conseguem alcançar. Como a totalidade do amor abarca a sua unidade, esposo e esposa, no mais íntimo do seu ser, precisam se unir de forma integral, única e em igual dignidade e valor.

E além disso os cônjuges devem em sua relação sexual conservar a conexão inseparável que Deus criou, e que o homem não pode alterar por sua iniciativa própria. Conexão que mantém inseparáveis o significado unitivo e procriativo do ato conjugal, vinculando intimamente os esposos num amor mútuo e os mantendo sempre abertos para a geração de novas vidas.

Mas ainda há uma distância muito grande entre os ensinamentos da Igreja e a vivência dos casais cristãos no quotidiano de suas vidas. Por ocasião da peregrinação das ENS a Roma em maio de 1970, respondendo a uma indagação prévia do Papa Paulo VI sobre qual tema que desejaria que ele falasse aos casais, Pe. Caffarel apresentou uma nota de trinta páginas propondo que o Papa pudesse dar uma mensagem em seu discurso sobre o sentido humano e cristão da sexualidade. Paulo VI o respondeu dizendo: “A questão ainda não está amadurecida. Não posso aceder ao seu desejo” (Equipes de Nossa Senhora, 2006b, 17).

Mesmo assim em seu discurso aos mais de 2.000 participantes presentes na Basílica de São Pedro no dia 4 de maio, provenientes dos cinco continentes, o Papa Paulo VI conclamou os casais a viverem o seu amor conjugal não como uma concorrência ao amor de Deus, mas sim como um caminho em sua direção. E pronunciou:

“Todo o ser nisso participa, nas profundezas do seu mistério pessoal e dos seus componentes tanto afetivos, sensíveis e carnis como espirituais...não há amor conjugal que não seja, na sua exultação, impulso para o infinito, e que não se queira, no seu arrebatamento, total, fiel, exclusivo e fecundo (cf. *Humanae vitae*, 9). É nesta perspectiva que o desejo encontra a sua

plena significação. Meio de expressão tanto como de conhecimento e comunhão, o ato conjugal mantém, fortifica o amor, e a sua fecundidade conduz o casal ao pleno crescimento: torna-se, à imagem de Deus, fonte de vida” (Allemand y Allemand, 2003, 88).

Com objetivo de avançar seus estudos e pesquisas nesse tema, Pe. Caffarel deu prosseguimento à análise das respostas de um inquérito feito junto aos casais das ENS. Com mais de cem perguntas sobre a vida sexual de cada um dos seus membros e com a garantia expressa de que o anonimato seria rigorosamente respeitado, o questionário solicitava que os casais respondessem com a máxima franqueza. E nas mais de 500 respostas recebidas ficou constatado que o sentido cristão da sexualidade era quase que inteiramente ignorado. E isso, por casais pertencentes a um Movimento que os propunha alcançar a santidade.

Nesses questionamentos, segundo Pe. Caffarel discorreu anos depois num discurso aos responsáveis regionais da Europa, em 1987 em Chantilly, na França, não chegavam a 2% os casais que davam uma resposta genuinamente rica as perguntas: Qual é o sentido cristão da sexualidade? Como viveis cristãmente a vossa sexualidade?

Ao ler, meditar e estudar as respostas dos casais ele compreendeu que não poderia haver uma verdadeira moralidade da sexualidade, se não houvesse uma qualidade nesta sexualidade. E comentou, com determinação, naquela que ficou conhecida como a conferência sobre o carisma fundador das ENS:

“E é aí que reconheço que os da Igreja, quanto a esse ponto, não são fiéis a sua missão. Prega-se a moralidade no matrimônio, diz-se o que é permitido e o que é proibido, mas não se oferece ao casal cristão casado um único livro (não existe!...digam-me se conhecem algum!...), não se oferece um único livro sobre a maneira de (desculpem a expressão, que antes eu detestava, que é um pouco vulgar, mas que me parece importante) de bem ‘fazer amor’, de bem viver a relação sexual. E com isso os casais cristãos, como os outros, vivem uma sexualidade de bárbaros” (Equipes de Nossa Senhora, 2006b, 19).

Na visão de Pe. Caffarel a pertença dos casais a um Movimento de espiritualidade conjugal deveria estar aliada a uma vida comprometida e empenhada a aceitar e viver mais exigências, pois deveriam ser casais que desejassem constituir um autêntico lar

cristão. Não poderiam se contentar com a normalidade, mediocridade ou habitualidade de uma vida trivial. Mas não era isso que ele observava em sua experiência e convivência com os casais. E isso o preocupava muito, pois sentia que a força selvagem da sexualidade no mundo moderno e afrodisíaco estava sendo “domesticada e santificada” pelos próprios casais (Caffarel, 2009,164).

Essa “sexualidade bárbara” alertada por Pe. Caffarel continua a ser bendita ainda nos dias de hoje por inúmeros casais cristãos que não vivem inteiramente a adequada sexualidade. E isso ocorre, por não a conhecerem, por não a aceitarem, ou até mesmo por uma omissão de não a desejarem aspirar, para desta forma poderem se manter numa linha de conforto.

Preferem ficar estagnados numa passividade que aparentemente acalma seus corações e os conserva, do seu jeito de pensar, numa vida de proximidade à Igreja, sem profundidade ou compromisso. Só que na verdade também os deixa com um grande distanciamento ao encontro com Cristo e a vivência real dos seus ensinamentos.

São João diz claramente que quem guarda a sua palavra e afirma permanecer nele, deve necessariamente, viver como Ele viveu (Cf. 1 Jo 2,5) e São Paulo, discorrendo aos romanos, comenta que os que vivem segundo a carne, gostam por excelência do que é carnal. E complementa, reforçando que o desejo da carne é hostil a Deus, e que aqueles que vivem segundo a carne, não podem de maneira alguma agradar a Deus (Cf. Rm 8, 5 e 8).

Por isso a vivência integral da espiritualidade e da sexualidade comporta muito mais que uma vida tibia, de aparência e até mesmo de negligência. Exige um comprometimento sincero do casal em viver sua vocação matrimonial de forma incondicional, em se tornar uma comunidade de vida e amor, em ser reflexo do amor de Cristo por sua Igreja. Em suma, requer que o casal cristão pratique em seu relacionamento conjugal a virtude essencial da castidade.

### **3.2- Castidade: virtude vital no matrimônio**

A castidade é a virtude moral responsável pela integração correta da sexualidade na pessoa humana e é originária de um dom de Deus concedido em forma de graça ao ser humano. Comporta a integridade da pessoa, exige uma aprendizagem do domínio de si e pressupõe um comando através da virtude da temperança, como forma de conduzir racionalmente as paixões e apetites da sensibilidade humana (Catecismo, 1999, n. 2337-2345).

Segundo a visão cristã, a castidade não representa de forma alguma a recusa ou a falta de estima pela sexualidade humana, pois na verdade ela significa, antes, uma energia espiritual que tem como objetivo defender o amor conjugal dos perigos do egoísmo e da agressividade e orientá-lo para a sua plena realização (João Paulo II, 1981, n.33).

Para viver a castidade no matrimônio os casais cristãos necessitam, em primeiro lugar, ter a consciência de que em seu amor conjugal está presente de forma perceptível e visível o amor de Deus, que os fortalece e segura em todos os momentos, pois “uma corda tripla não se arrebenta facilmente” (Ecl 4, 12). Só compreendendo este entrelaçamento é que esposo e esposa conseguirão se doar sexualmente, um ao outro, de corpo e alma. Só desta forma se entregarão com fidelidade e bondade, não só um para com o outro, mas também para com a vida que poderá surgir deste gesto sincero e puro de amor.

Os casais cristãos que incorporam esse modo de viver atingem a excelência máxima de seu relacionamento sexual e santificam a vocação à castidade na vida matrimonial, com uma integração correta de sua sexualidade como pessoa, a uma unidade interior do seu ser corporal e espiritual. Eles cultivam uma abertura permanente para a aprendizagem do domínio pessoal de sua sexualidade e conseguem perceber no seu cerne que a castidade não reside em exclusão, mas em correção no estilo de suas relações sexuais.

Temporalmente a castidade é uma virtude que deve ser perene na vida do ser humano, pois mantém a juventude do amor em qualquer estado de vida. Existe uma castidade para a puberdade, para os que caminham ao casamento, para os que Deus chama ao celibato e também para os que Deus atrai ao matrimônio e que vivenciam sua vocação com fidelidade (Escrivá de Balaguer, 1973, n. 25).

Portanto, enquanto virtude própria de esposo e esposa, pautada para o amor, para a doação e para a vida integral, a castidade é uma graça oriunda do sacramento do matrimônio e que caminha lado a lado com o amor conjugal, estando unida a ele de forma intrínseca e inseparável. A sua correta vivência pelo casal será guia para o germinar de uma sexualidade, percebida e versada, à luz do Evangelho e da humanidade divina de Cristo.

Pe. Caffarel considerava essa caminhada conjunta e harmônica uma tarefa difícil para os jovens casais e procurava em suas cartas demonstrar o valor essencial da junção do amor conjugal com os desejos da carne, que como a alma, precisam ser evangelizados e salvos. Dizia que “a carne purificada e submissa ao espírito concorre para as obras suprema do amor” (Allemand, 1997, 55).

Defensor obstinado dos ensinamentos e da doutrina da Igreja, o apóstolo do matrimônio prezava pela castidade dos casais e insistia junto a eles na importância da qualidade efetiva que deve ter a vivência da sexualidade e a realização do ato conjugal. Qualidade simultaneamente humana e espiritual, que requer ao longo do matrimônio paciência e perseverança, continência aceita e não apenas suportada, esforço humano e auxílio divino.

Ciente da paralisia habitada em muitos casais na vivência apropriada da castidade na sexualidade matrimonial, Pe. Caffarel após a peregrinação de 1970, conclamou aos mais de 18.000 casais do Movimento em todo mundo a saírem do seu mutismo de uma vida conjugal somente equilibrada. Ele animou-os a voos mais altos e desejou ainda mais que os casais vivessem a castidade de forma integral em seu relacionamento, pois considerava que era “essencial descobrir que a sexualidade é parte integrante da verdade

do ser humano e que só se pode atingir a sua dimensão adulta integrando-a, e não ignorando-a ou ‘sublimando-a’ artificialmente” (Allemand, 1997, 147-148).

Para viver essa castidade integralmente, esposo e esposa não podem abandonar a iluminação permanente do Espírito Santo, não devem prescindir de uma espiritualidade conjugal como caminho para a santidade. A castidade é de fato uma virtude intrínseca a espiritualidade do casal e a sua vivência é fruto não apenas do esforço e exercício dos cônjuges, mas de forma essencial da ação dos dons do Espírito Santo em suas vidas.

Somente se deixando guiar por essa luz, com aceitação para as transformações imprescindíveis e imbuídos de metas concretas de ação, é que o casal cristão conseguirá lutar contra os inimigos que procuram desestabilizar essa virtuosa vivência da castidade e que atuam para denegrir a unidade e estabilidade do matrimônio.

Nesta luta, é a castidade que faz os esposos serem capazes de viver suas mútuas relações conjugais com a cooperação permanente do amor criador de Deus, e de forma inseparável, como linguagem interpessoal através da doação sincera de si mesmos, da vivência de verdade da unidade de dois em seu matrimônio (Sarmiento, 2003, 131).



### 3.3- A sexualidade no cotidiano conjugal

Esposo e esposa devem associar a sua condição de ser humano sexuado a todas as suas vivências e relacionamentos do cotidiano, sempre com coerência, generosidade e autenticidade. Isso porque a sexualidade não é algo à parte, muito menos uma característica superficial, mas é na verdade uma propriedade inerente e impregnada na pessoa humana, em tudo o que ela é ou faz, abrangendo por inteiro os campos da sua vida: biológico, psicológico, afetivo, cultural, social e religioso.

Mesmo sendo o campo biológico o mais exteriorizado e visível ao corpo, ele não pode ser o preponderante. De suas características físicas e genitais se originam os desejos, atrações e prazeres do ato conjugal, mas uma relação sexual que se limite a isso é carente e desprovida de retidão. Os casais devem zelar por uma relação que seja fruto de um encontro afetivo e amoroso incondicional.

Por isso a sexualidade não é algo para ser vivido somente alguns minutos durante o ato sexual conjugal, mas requer uma amplitude bem maior, uma dilatação que se prolongue para as 24 horas do dia, fazendo com que o casal esteja num permanente encontro e comunicação, de forma íntima, espontânea, pessoal e amorosa.

A convivência diária, com ternura e dedicação, é que faz fecunda a vida matrimonial e que possibilita um transbordar do sincero amor conjugal no momento do ato sexual. Por isso, a amizade e a afetividade que une os cônjuges no matrimônio, precisa se abrir em gestos cotidianos concretos, que vão desde a atenção e o cuidado ao outro até a demonstração de carinho no dar-se as mãos, abraçar-se e beijar-se.

A sexualidade conjugal exige uma progressão metódica, que precisa manter em sua base o amor *eros*, caracterizado pela atração, acompanhada do desejo, que gera o querer estar junto e o estabelecer um inesgotável amor *philia*, de amizade. Mas esses amores necessitam evolucionar para alcançar a plenitude da doação total, para chegar ao insubstituível amor *ágape* que envolve o casal por inteiro. E é nesta trajetória que o afetivo precisa se tornar efetivo.

Na verdade, quanto mais *eros* e *ágape* se encontrarem na única realidade do amor, embora em distintas dimensões, mais esse amor fará a experiência da sua verdadeira natureza. Por mais que o *eros* seja ambicioso, ascendente e com a fascinação pela promessa de felicidade própria, à medida que se aproxima do outro, ele procurará sempre mais a felicidade deste, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará existir para o outro (Bento XVI, 2005, n. 7).

O casal que se entrega nesta aventura de amar na totalidade, tem que respeitar e se adequar aos comportamentos diferenciados de homem e mulher, que possuem características psicológicas distintas, origens culturais diversas, vivência social própria e religiosidade particular. Todos estes pontos precisam estar em harmonia no dia a dia para que a sexualidade se expresse integralmente no casal.

E para que isso aconteça Pe. Caffarel animava os esposos a se esforçarem por descobrir um ao outro, por acolher o cônjuge de coração e se entregar totalmente a ele, tentando com bondade e carinho desvendar o mais profundo da sua alma e da sua intimidade com Deus. Isto supõe, segundo ele, uma luta constante contra o respeito humano, os falsos pudores e avareza de coração. Por isso o fundador das ENS estimulava que esposo e esposa dissessem um ao outro: “no teu amor por mim, vejo o amor de Deus que vem ao meu encontro; no meu amor por ti, uno-me ao amor de Deus, que pede o meu coração emprestado para te amar” (Allemand, 2003, 77).

O legítimo casal cristão, tem que fundir no cotidiano da sua vida a dois a espiritualidade e a sexualidade, pois ambas devem caminhar juntas e unidas. Além de tornar o seu lar num ambiente cristianizado, esposo e esposa precisam transformar o seu dormitório conjugal num fidedigno santuário, num local de encontro íntimo entre si e com Cristo, tanto na oração como na vivência máxima de sua sexualidade, que igualmente é expressão de sua espiritualidade conjugal.

Por mais que o ato conjugal seja aquilatado como o auge da vivência da sexualidade humana, a profundidade da intimidade matrimonial deve ser apreciada e vivenciada muito mais pela qualidade do que pela quantidade e intensidade. O amor

conjugal é com amplitude mais do que um ato sexual. O amor conjugal, incorporado pelo espiritual, é interminável, assim como a sexualidade de esposo e esposa, vivida em qualquer idade e sobre as mais variadas naturezas, vai muito além do “simples” ato sexual, e se transforma num acoplar de corpos e almas.

### **3.4- O prazer do ato conjugal na vida matrimonial**

Nos questionários analisados por Pe. Caffarel muitos casais no lugar de respostas, faziam perguntas. De modo especial indagando como conseguir habituar-se a todas as exigências da vida cristã no estado matrimonial, e de maneira particular no ato sexual próprio dos esposos, sem perder o prazer vivenciado no momento deste íntimo e intenso relacionamento conjugal. Eles desejavam orientações sobre a experiência de uma espiritualidade de cristão casado que os guiasse também para um apropriado relacionamento sexual.

Em seus conselhos, o “profeta do século XX” os dirigia para uma vida de oração, caridade, abnegação, apostolado, partilha e castidade. E alertava que isso era útil para o cristão casado ou não. Agora, quanto a vivência da sexualidade no ato conjugal, exclusivo de esposo e esposa, era inflexível ao exigir que deveria operar a simbiose e sinergia de dois amores: o amor mútuo dos esposos e o amor a Cristo, sendo, para o casal cristão, o primeiro dependente do segundo (Allemand, 2003, 10 e 52).

O ato sexual na vida matrimonial é a expressão maior de amor que faz o casal se transformar de fato numa só carne. Esposo e esposa chegam mutuamente ao seu encontro mais íntimo, com pureza e castidade, fidelidade e retidão, num ambiente terno e ardoroso, com sentimentos de confiança e afeto, numa manifestação de liberdade e gozo do autêntico amor conjugal, que proporciona o tão desejado bem dos esposos e a imprescindível abertura à vida.

Para que a relação sexual seja de fato um ato de amor conjugal é necessário, por primeiro, que os esposos respeitem as dimensões unitiva e procriativa de sua união matrimonial. Também é essencial que o casal possua um fim reto e realize dignamente e de maneira devida e respeitosa essa união de corpos, atuando em conformidade com a natureza, finalidade e significados do ato conjugal. Por fim, para que seja meritório, prescinde ainda do estado de graça por parte de quem o realiza (Sarmiento, 2003, 68-72).

Agora, quanto ao prazer buscado pelos casais, ele é plenamente admissível e desejado, desde que seja partícipe de um ato sexual moralmente bom e reto, que manifeste em sua integridade a recíproca corporeidade de homem e mulher, e que seja realizado de forma ordenada com o fim de um bem honesto. Papa Francisco alerta para o cuidado da busca deste prazer do amor apaixonado:

“É necessária a educação da emotividade e do instinto e, para isso, às vezes torna-se indispensável impormo-nos algum limite. O excesso, o descontrole, a obsessão por um único tipo de prazer, acabam por debilitar e combalir o próprio prazer, e prejudicam a vida da família. Na verdade, pode-se fazer um belo caminho com as paixões, o que significa orientá-las cada vez mais em um projeto de autodoação e plena realização própria que enriquece as relações interpessoais no seio da família. Isto não implica renunciar a momentos de intenso prazer, mas assumi-los de certo modo entrelaçados com outros momentos de dedicação generosa, espera paciente, inevitável fadiga, esforço por um ideal. A vida em família é tudo isto e merece ser vivida inteiramente” (Francisco, 2016, n. 148).

Portanto, o prazer na união do casal através do ato sexual encarnará o fidedigno amor conjugal na medida em que, de forma digna e honesta, se integre com sentido e autenticidade dentro das sinceras relações esposais cotidianas, com grandeza d'alma, oblação e entrega total.

Numa época em que o mundo banalizou e erotizou a sexualidade e o ato conjugal, não é hora de querer angelizar e muito menos pensar em renegar o *eros*. Também não é ensejo de se admitir um ato sexual com a busca exclusiva do prazer. O momento é de humanizar de verdade o ato conjugal e fazer sobressair toda a beleza da sua magnífica divindade, pois assim como o Verbo se fez carne e habitou entre nós, o ato sexual pleno e incorruptível precisa habitar dignamente em todo casal cristão que deseje viver a sacramentalidade do seu matrimônio.

## **IV- A espiritualidade conjugal como itinerário do amor, da felicidade e da santidade**

A espiritualidade conjugal, vivenciada no caminho traçado por Cristo, oferece aos casais unidos pelo sacramento do matrimônio a possibilidade de constituir um itinerário de vida que os permita satisfazer a dupla aspiração humana, ao amor e à felicidade, e os conduzir ao chamado à santidade. Cada casal cristão é único, tem sua própria história e é responsável pela construção na sua vida matrimonial desse itinerário com tríplice desígnio.

### **4.1- O amor de corpo e alma**

O amor é um sentimento ardente do ser humano que se exprime no querer o bem de alguém, através da busca do encontro e da comunhão com o outro ser. É algo sublime e específico do ser humano, que manifesta de forma fiel o mais íntimo do seu ser e de suas relações interpessoais. E esse amor requer conexão, clama por uma simbiose de um dar e receber, um intercâmbio permanente entre a necessidade de amar e de ser amado, uma satisfação e motivação nesta interação entre dois seres que se amam.

Em Cântico dos Cânticos aparecem as mais belas declarações de amor da bíblia: “Beije-me com os beijos de sua boca! Seus amores são melhores do que o vinho” (Ct 1,1); “Eu sou do meu amado, seu desejo o traz para mim” (Ct 7,11); “Como você é bela, minha amada, como você é bela!” (Ct 1,15); “O meu amado é meu e eu sou dele, do pastor das açucenas!” (Ct 2,16); “Você é bela, minha amada, e não tem um só defeito!” (Ct 4, 7); “Sua boca é muito doce...Ele todo é uma delícia” (Ct 5,16).

O verdadeiro amor conjugal, entre um homem e uma mulher, manifesta de forma concreta e substancial essa troca do dar e receber, essa unidade única, plena e fiel entre dois seres humanos. É um amor humano, que plenificado em sua totalidade como dom sincero de coração, se dá o direito de ser divino, marcado pela chama permanente imanada do próprio Criador.

A integralidade deste amor conjugal só é alcançada se, de fato, esposo e esposa conseguirem viver inteiramente todos os dinamismos essenciais dessa relação amorosa, envolvendo tanto seus corpos como seus espíritos. Uma totalidade própria e única dos seres humanos, que envolve toda a sua natureza, sentimento e coração, entendimento e razão, vontade e afeição.

E nesta totalidade a espiritualidade conjugal precisa estar encarnada no casal e ser o alicerce de seu relacionamento amoroso. O amor conjugal matrimonial não pode ser apenas um ímpeto do instinto ou do sentimento. Ele necessita ser um ato plenamente livre, destinado a se manter e crescer, mediante as alegrias e as dores da vida familiar cotidiana, de tal forma que os esposos se tornem verdadeiramente um só corpo e uma só alma e possam alcançar juntos a sua perfeição humana (Paulo VI, 1968, n. 9).

Por tudo isso o amor conjugal edificado no dia a dia pelo casal cristão, tem que ser mantido como a chama de um fogo, que se não for alimentada se apaga e se transforma em cinzas. Como amar é uma decisão, conservar esse amor vivo é uma ascese permanente e um evoluir juntos de esposo e esposa com a imprescindível graça de Deus.

Pe. Caffarel dizia que para atender estas exigências há necessidade de um casal autêntico, de um homem e uma mulher unidos não apenas materialmente, mas também e de maneira especial espiritualmente. Para ele, o sinal da união de alma de um casal é o reflexo do testemunhar e transbordar real e sincero de sua aliança matrimonial, que se torna visível aos olhos humanos e que é fruto de uma vida cotidiana transformada em oração (Caffarel, 2009, 120).

## 4.2- A felicidade como caminho

A felicidade é a razão final de toda atividade humana e proporciona um estado irrestrito de satisfação espiritual e física, sendo formada por diversas emoções e sentimentos que trazem um contentamento interior. As bem-aventuranças pregadas por Jesus respondem ao desejo natural de felicidade que Deus colocou no coração do ser humano.

Desta forma, também no amor conjugal a fonte da felicidade é Deus, que abençoa a união sacramental de esposo e esposa e lhes proporciona, pelo cultivo da espiritualidade, uma vida matrimonial serena, fecunda e de paz, baseada não no bem-estar e nas riquezas, mas no próprio Senhor, manancial de todo bem e de todo amor.

Embora a felicidade absoluta e suprema seja estar com o Deus na vida eterna e vê-lo face a face, no dia a dia da vida conjugal a felicidade, como um caminho, se manifesta nas pequenas coisas. O casal cristão pode ser feliz, no e pelo matrimônio, vivendo uma espiritualidade própria de casado, e experimentando uma felicidade conjugal através da comunhão espiritual que envolva sua vida por inteiro no cotidiano familiar.

Os componentes para essa felicidade passam pela partilha de vida, comunhão de existência, fidelidade perene, comunicação aberta, sexualidade casta, criatividade para fuga da monotonia, aceitação de sacrifícios e cruces... Tudo isso requer aprendizado, abertura de vida, educação e cultivo, pois “também um casal de esposos corresponde à vontade de Deus, quando segue este convite bíblico: ‘No dia da felicidade, sê alegre’ (Ecl 7,14)” (Francisco, 2016, n. 149).

Para Pe. Caffarel o casal cristão espiritualizado, consciente e atuante em sua missão apostólica, inunda de felicidade o seu lar e o transforma num ambiente missionário de apostolado, fazendo frutificar pelo seu amor conjugal os amores maternal, paternal, filial e fraternal. E neste contexto tudo se torna momento fascinante e restaurador, sejam as refeições e os serões, os dias de trabalho e os dias de festa, as horas dolorosas e as



horas felizes. O casal cristão transforma o lar num lugar onde as pessoas se amam e distribui pelos seus hóspedes as riquezas da graça de que vive, fruto da sua espiritualidade conjugal (Caffarel, 2009,142-143).

E a amplitude desta missão de apostolado é ainda maior, extrapola o lar como propõe o Papa Francisco, e conduz ainda mais o casal à felicidade completa:

“Em consequência disso, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários. A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados. Ao mesmo tempo, um missionário plenamente devotado ao seu trabalho experimenta o prazer de ser um manancial que transborda e refresca os outros. Só pode ser missionário quem se sente bem procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros. Esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque ‘a felicidade está mais em dar do que em receber’ (At 20, 35). Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade. Isso não é senão um lento suicídio” (Francisco, 2013, n. 272).

O fato é que uma felicidade construída em bases sólidas e bem-aventuradas, contagia os outros, tende a se difundir e se multiplicar. Ela não tem limites e encontra muitos casais desejosos a também vivenciá-la, pois, quem não almeja ser feliz no matrimônio? Por isso, é imprescindível que esposo e esposa testemunhem a felicidade de sua vida conjugal de forma límpida, em todos os ambientes que estiverem, sem medo e com convicção.

### 4.3- A santidade como desígnio

Para os casais cristãos o itinerário da santidade parece o mais temível, o que apresenta os maiores fardos a serem carregados e que até tem a aparência de ser inatingível. Porém, São Paulo relembra à comunidade de Tessalônica que “a vontade de Deus é a vossa santificação” (1Ts 4,3) e o próprio Senhor nos diz: “Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que está no céu” (Mt 5,48).

Quando Pe. Caffarel criou as ENS com a intenção de auxiliar os casais a viverem plenamente o seu sacramento do matrimônio, num relacionamento de amor e felicidade mútuas, ele disse uma frase que incomodou aos seus membros pela magnitude do desafio: “As Equipes de Nossa Senhora têm por objetivo essencial ajudar os casais a caminhar para a santidade. Nem mais, nem menos” (Equipes de Nossa Senhora, 2006a, 13).

E para que os casais pudessem trilhar esse caminho, o mestre de oração definiu como carisma do Movimento a espiritualidade conjugal e os motivou a seguirem nesta caminhada com a certeza de que era uma meta plenamente atingível. Propôs transformarem a vida cotidiana conjugal natural, voltada para a família, num encontro e doação permanente com o Senhor.

Portanto, a espiritualidade conjugal como percurso para a santidade necessita ser uma realidade vivida pelos casais no dia a dia familiar, com carinho, atenção e solicitude entre esposo e esposa; com a indispensável compreensão e respeito mútuos; com a permanente e absoluta fidelidade; e ainda, com uma harmonia de coração e de espírito. Essa correta vivência será determinante para o encontro com o Cristo no matrimônio e a caminhada, em unidade, para a santidade.

Pe. Caffarel foi iluminado por Deus ao conceber o carisma fundador do Movimento, que segundo ele, era mais que uma boa ideia ou uma ideia edificante, mas sim uma inspiração do Espírito Santo. Mesmo assim ele dividia a sua confiança da busca à santidade pelos casais com seu companheiro Pe. Ghika, nomeado em 1931 Monsenhor pelo Papa Pio XI: “Mons. Ghika foi o precursor ao lembrar que o casamento é uma

vocação de santidade, que os cristãos casados, são, como os demais, chamados e obrigados à perfeição, e que a fonte superabundante de graça é, para isso, o sacramento do matrimônio...” (Allemand, 1997, 23-24).

Na mesma linha, também San Josemaría comparava a família cristã fundada pelo sacramento do matrimônio a uma escola de santidade, onde a graça do Pai a transformava num ambiente de paz e concórdia. E dizia que Deus havia colocado em seu coração o desejo de fazer as pessoas entenderem de que em qualquer estado, condição ou ofício, tem validade a doutrina “que a vida ordinária pode ser santa e cheia de Deus, que o Senhor nos chama para santificar a tarefa ordinária, porque há também a perfeição cristã” (Escrivá de Balaguer, 1973, n. 148).

Então, se é a vontade de Deus que todos sejam santos, sem exclusão da vida matrimonial, essa santidade só pode ser oriunda do próprio Deus. Portanto, os casais não poderão jamais se santificarem sem contar com o dom e a graça do Pai em sua vida conjugal e familiar. E a porta para essa ação de Deus no sacramento do matrimônio está radicada na espiritualidade conjugal. Por mais que a caridade seja a chave da santidade, a espiritualidade é a porta, o caminho, a passagem condutora. Sem a porta, pouco adianta a chave!

Buscar a santidade no matrimônio, não exige de esposo e esposa uma vida à margem da sociedade, uma vida perfeita, sem defeitos ou problemas, mas exige sim que tudo seja vivido e santificado em plenitude com Deus. O casal cristão que objetiva rumar para santidade, vive e comunica a vida de Deus, sendo reflexo do Cristo Eucarístico, que habita nele.

Viver uma espiritualidade conjugal é se permitir guiar pelo Espírito Santo em todos os aspectos no dia a dia e estar aberto à ação do Senhor, deixando-se impregnar pelo amor de Deus. É assumir os sentimentos de Cristo, que São Paulo expressa com fidelidade na carta aos Gálatas: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Imbuído destes pensamentos, Pe. Caffarel ao apresentar as ENS ao Papa João XXIII, em 1959, enviou uma nota ousada a respeito das grandezas e exigências do matrimônio cristão, aludindo que Cristo veio para chamar todos os homens à perfeição e que era desastroso acreditar que pudessem haver categorias distintas: uns, religiosos e sacerdotes, chamados à perfeição e os outros, casados, aos quais só se pede que levem uma vida honesta. Assim, aquele que não tende à perfeição desliza, inevitavelmente, para a mediocridade e o pecado (Allemand, 2003, 40-41).

E o fundador das ENS firmou ao Papa João XXIII um pedido respeitoso para que esse equívoco tão difundido pudesse ser desfeito, pela confiança de que a essência da perfeição consiste no amor pleno. Considerava que esposo e esposa, pelo caminho da abnegação cotidiana também tem possibilidade de se amar e se encontrar lado a lado com Deus, numa plenitude que em nada difere daquela alcançada pelos religiosos, através das renúncias que se comprometem por ocasião de seus votos.

E o Concílio Vaticano II, alguns anos depois, exprime com sabedoria em diversos documentos este direcionamento. A Constituição Dogmática *Lumen gentium* expressa que os esposos e pais cristãos, ao seguirem seu próprio caminho com amor fiel, ajuda mútua e a graça de Deus, apresentam a todos um exemplo de incansável e generoso amor, estando não só convidados, mas também obrigados a procurar a santidade e a perfeição do próprio estado (*Lumen gentium*, 1964, n. 42).

Já a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, invoca a necessidade do autêntico amor conjugal na vida matrimonial, afirmando que quando esse amor é assumido pelo amor divino, esposo e esposa possuem no Cristo um guia condutor e enriquecedor para a sua missão de casal cristão. Desta forma, aproximam-se cada vez mais de sua própria perfeição e da mútua santificação, contribuindo unidos para a glorificação de Deus (*Gaudium et spes*, 1965, n. 48).

A partir de então, como profetizava Pe. Caffarel, a santidade como desígnio de Deus se incorpora de maneira explícita na doutrina e documentos da Igreja, refletindo um desejo que já era do próprio Cristo: que pelo sacramento do matrimônio, esposo e esposa

retomem a graça santificante do batismo e façam deste novo sacramento, fonte própria e meio original de santificação conjugal.

#### **4.4- Espiritualidade e santidade, interligadas, exigem abnegação**

Como para o casal cristão o caminho real da santidade é o do dia a dia, na vivência da espiritualidade no seu matrimônio, é fundamental que esposo e esposa estejam sempre abertos e perceptíveis à graça de Deus em suas vidas. O casal deve procurar buscar essa perfeição nas tarefas do cotidiano, com felicidade e alegria de coração, utilizando para isso dois meios oferecidos por Cristo para essa missão, que são o amor e a abnegação.

A partir desta junção da espiritualidade e santidade no matrimônio, na busca de um amor pleno e total que traga a felicidade conjugal e familiar, surge um novo componente para essa constância: a abnegação. Pe. Caffarel dizia que o amor e a abnegação são como que duas faces de uma mesma medalha.

“Não há amor sem abnegação, e uma abnegação que não seja uma abnegação de amor é uma abnegação impossível de praticar. Refletindo sobre isso, compreendi que o Senhor inventou o matrimônio como grande meio de desenvolver o amor, e como grande meio de favorecer a abnegação. Compreendi que a abnegação não deve estar ao lado do amor, mas que a verdadeira abnegação é precisamente impor-nos o compromisso de nunca deixar de amar, de viver sempre na atitude do ‘para ti’ e nunca na atitude do ‘para mim’. Para caminharmos nas estradas da terra, o Senhor deu-nos duas pernas. Para caminharmos nas estradas da santidade, o Senhor deu-nos dois meios: o amor e a abnegação” (Caffarel, 2006, 15-16).

O matrimônio em sua caminhada conjugal de espiritualidade rumo à perfeição de esposo e esposa, se robustece ainda mais como um grande meio de amor, de felicidade, de santidade e de abnegação. Mas também com isso ganha novas exigências para que o casal possa trilhar seu caminho de espiritualidade e santidade, através da assiduidade aos sacramentos da Eucaristia e da Penitência.

A Eucaristia está inteiramente vinculada ao matrimônio cristão, à santificação dos esposos e da própria família cristã. Em virtude da realidade que é a participação dos esposos no amor sponsal de Cristo pela Igreja, toda vez que eles participam da Eucaristia, seu amor se transforma cada vez mais, em dom e comunhão, características típicas do altar. Também a Penitência ocupa lugar na santificação dos esposos porque pelo perdão, cresce ou se reestabelece a aliança e comunhão com Deus, ao mesmo tempo

que estabelece a amizade e comunhão consigo mesmo e com os demais homens (Sarmiento, 2012, 272-273).

São João Paulo II afirma que a Eucaristia é a fonte própria do matrimônio cristão e que o dever de santificação da família tem a sua primeira raiz no batismo e a sua expressão máxima na Eucaristia. E garante que uma parte significativa do dever de santificação dos cristãos passa pelo arrependimento e o mútuo perdão no seio da família na vida cotidiana, que pelo momento sacramental da Penitência, reconstrói e aperfeiçoa a aliança matrimonial e a comunhão familiar (João Paulo II, 1981, n. 57-58).

Nesta perspectiva, o matrimônio como escola de santidade proposto por San Josemaría, pode assumir também a função de escola de unidade, amor e abnegação. Unidade que transforma esposo e esposa numa só carne, amor conjugal que os unifica ao amor de Cristo e abnegação que os faz, por renúncia de coração, escolher seu cônjuge, abdicando de todos outros e por ele se doando e se sacrificando.

Para o casal cristão estabelecer em seu matrimônio uma verdadeira escola ele precisa viver plenamente sua vocação e missão sacramental, esposo e esposa como membros da igreja e cidadãos do mundo. Desta forma, não pode haver na sua existência duas vidas paralelas, uma chamada “espiritual” e que conduz à santidade e outra dita “secular”, que abarca a família, trabalho e demais relações (João Paulo II, 1988, n. 59).

Neste aspecto San Josemaría indaga e responde com sutileza:

“Eu sempre quero falar sobre a vida diária e concreta: sobre a santificação do trabalho, das relações familiares, da amizade. Se aí não somos cristãos, onde o seremos? O bom odor do incenso é o resultado de uma brasa que queima sem ostentação uma infinidade de grãos; o bom odor de Cristo é notado entre os homens não pelas chamas de um fogo de ocasião, mas pela eficácia de uma brasa de virtudes: justiça, lealdade, fidelidade, compreensão, generosidade, alegria” (Escrivá de Balaguer, 1973, n. 36).

Mas, independente da escola que o matrimônio desempenhe, o fato é que Pe. Caffarel ao criar as ENS pretendeu que o Movimento pudesse ser um coadjuvante direto

aos casais unidos pelo matrimônio, no sentido de através da espiritualidade conjugal buscarem uma santidade de vida, a dois, no e pelo matrimônio. Ou seja, interligou espiritualidade e santidade num Movimento que se propunha oferecer a esposo e esposa um meio de conseguir isso.

E para essa tarefa escolar matrimonial dentro do Movimento ele criou uma mística para ser o espírito que dá sentido a propostas concretas de vida, para proporcionar a intuição que abre o que está oculto no espírito humano e para dar uma orientação que faz da vida do casal uma busca contínua de comunhão com Deus. E nessa mística pediu que os casais, com abnegação constante, se reunissem em nome de Cristo, praticassem a ajuda-mútua material e espiritual e dessem testemunho de Cristo, tornando-se como os apóstolos, um só coração e uma só alma (Equipes de Nossa Senhora, 2006a, 15-18).



## V- Conclusão

É inquestionável a vocação do Pe. Henri Caffarel como um homem de Deus, enviado para cooperar com a busca da santidade conjugal dos casais cristãos, através da vivência de uma espiritualidade conjugal enraizada no próprio Cristo. Esse fato, aliado ao seu íntimo relacionamento com o Senhor, constituíram o centro vital de sua existência e da sua peregrinação na terra como um profeta dos tempos atuais.

Vivenciando as riquezas desses ensinamentos, ao lado de Sarita há 29 anos, pudemos em casal experimentar ao longo da vida matrimonial até aqui, muitos dos benefícios idealizados por Pe. Caffarel e proporcionados pelas Equipes de Nossa Senhora. Fomos conduzidos ao longo de todo esse tempo pelo Movimento para uma proximidade maior com o Senhor através: de uma espiritualidade presente no cotidiano conjugal e familiar; do compromisso de fidelidade às promessas dos sacramentos do batismo e do matrimônio; da vivência real do Evangelho com a santificação de todos acontecimentos diários; da ascese permanente na oração; da busca à Eucaristia e à Penitência; e do transbordar tudo isso num testemunho concreto de vida, manifesto na alegria do matrimônio e no anúncio do Cristo.

A caminhada perpassou momentos de imaturidade e profundo desconhecimento dos ensinamentos da Igreja sobre os desígnios de Deus para a vida matrimonial. Mas apresentou persistente abertura para o aprendizado e a tentativa de colocar em prática uma espiritualidade conjugal a ser vivida a dois, com o respeito assimilado com o tempo da gradualidade de cada cônjuge, e com a experiência concreta dos frutos que trazia a todo momento para a vida familiar, comunitária, profissional e social.

Essa caminhada conjugal, após o encontro mais próximo com o Senhor, alcançou a consciência do testemunhar em qualquer lugar a riqueza do matrimônio e também do desejo levar essa alegria aos demais casais cristãos, seja no próprio cotidiano da vida ou nos momentos formativos e de partilha com os irmãos.

A descoberta do bem que a espiritualidade conjugal traz ao matrimônio e à família fez-nos vincular a ela e buscar cada vez mais essa proximidade com o Senhor como forma de manter vivo o amor conjugal que nos une. O fato é que ela converte o lar num espaço agradável a Deus, acolhedor, hospitaleiro e verdadeiro reflexo do amor de Cristo.

A espiritualidade conjugal também transforma os acontecimentos diários no lar em fardos mais leves, aceitáveis e entregues confiantemente à vontade do Pai. Faz que a presença de uma imagem de Nossa Senhora, um porta-retratos da família, uma bíblia ou um quadro da Santa Ceia, sejam percebidos pelos visitantes de uma forma distinguida e sejam sentidos como sinais de um ambiente harmônico e cristão.

Mas almejar a santidade, para um casal ainda jovem, soava como algo inexequível, porém desejável aos olhos de Deus e aos princípios do Movimento concebido por Pe. Caffarel. E foi essa pertença ascendente, tanto ao Movimento como à Igreja, que nos fez entender que devíamos esmerar-nos a trilhar esse caminho, “nem mais, nem menos”! Os frutos ficariam nas mãos do Senhor e no tempo por Ele pretendido.

Como garante o Papa Francisco, para ser santo não é necessário ser bispo, sacerdote ou religioso, pois somos tentados a pensar que a santidade seja atributo exclusivo das pessoas que têm a possibilidade de se afastar das tarefas comuns para se dedicar à vida de oração. “Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra... Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja” (Francisco, 2018, n. 14).

A vivência dos Pontos Concretos de Esforço, a busca diária da Eucaristia e a transformação do Evangelho em um ideal de vida, demonstrou esse cuidado recomendado pelo Papa Francisco e converteu o lar cristão que formamos com os filhos Bruna e Luiz Eduardo, num local aberto a Deus, onde todos seus membros são livres para experimentarem seu encontro com o Senhor, da forma que desejarem e no momento que suas vidas lhes propiciarem, pela ação da graça de Deus.

A verdade é que, a iluminação do Espírito Santo e a sabedoria do Pe. Caffarel por Ele inspirada, transformaram os seus pensamentos sobre espiritualidade conjugal num sopro à santidade e numa forma, inteiramente possível e viável, de viver em plenitude o sacramento do matrimônio como itinerário do amor, da felicidade e da santidade para os casais cristãos.

Essa santidade não é utópica, mas absolutamente factível num matrimônio onde a espiritualidade conjugal seja procurada, vivida e aperfeiçoada no cotidiano. Num lar onde o convívio sponsal contemple a presença do Cristo Eucarístico na vivência do amor conjugal e aonde sejam praticadas as virtudes evangélicas através de gestos e atitudes visíveis no dia a dia.

Num verdadeiro lar cristão, que como dizia Pe. Caffarel, constitua um local onde Deus seja “o primeiro a ser buscado, a ser amado, a ser servido” (Allemand e Allemand, 2003, 19).

## **VI- Bibliografia**

Allemand, J. (1997), Henri Caffarel Um homem arrebatado por Deus, São Paulo, Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.

Allemand, J. (2002), Orar 15 dias com Henri Caffarel, Aparecida, Editora Santuário.

Allemand, J. e Allemand A. (Comp.) (2003), A Missão do Casal Cristão, São Paulo, Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.

Caffarel, H. (2009), Espiritualidade Conjugal, Cascais, Lucerna.

Escrivá de Balaguer, J. (1973), Es Cristo que passa. Consultado em [http://www.escrivaobras.org/book/es\\_cristo\\_que\\_pasa.htm](http://www.escrivaobras.org/book/es_cristo_que_pasa.htm) (15/02/2019).

Hervada, J. (2000), Una Caro- Escritos sobre el matrimonio, Navarra, EUNSA.

Sarmiento, A. (2012), El Matrimonio Cristiano, Navarra, EUNSA.

Sarmiento, A. (2003), El secreto del amor en el matrimonio, Madrid, Ediciones Cristiandad S.A.

### **Documentos das Equipes de Nossa Senhora**

Equipes de Nossa Senhora (1973), Equipes Novas Carta No. 7, São Paulo, Secretaria das ENS.

Equipes de Nossa Senhora (1976), Discurso do Papa Paulo VI na peregrinação das ENS a Roma e Assis, São Paulo, Secretaria das ENS.

Equipes de Nossa Senhora (1983), Carta Mensal das Equipes de Nossa Senhora No. 3, São Paulo, Secretaria das ENS.

Equipes de Nossa Senhora (2006a), Guia das Equipes de Nossa Senhora, São Paulo, Nova Bandeira Produções Editoriais.

Equipes de Nossa Senhora (2006b), O Carisma Fundador- Discurso de Chantilly Pe. Henri Caffarel, São Paulo, Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.

Equipes de Nossa Senhora (2009), Padre Caffarel Centelhas de sua Mensagem, São Paulo, Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.

### **Documentos do Vaticano**

Bento XVI (25/12/2005), Encíclica 'Deus caritas est', São Paulo, Editora Paulus.

Catecismo da Igreja Católica- CEC (1999), São Paulo, Edições Loyola.

Concílio Vaticano II (21/11/1964), Constituição Dogmática ‘Lumen gentium’, Petrópolis, Editora Vozes Ltda.

Concílio Vaticano II (07/12/1965), Constituição Pastoral ‘Gaudium et spes’, Petrópolis, Editora Vozes Ltda.

Francisco (24/11/2013), Exortação Apostólica ‘Evangelii gaudium’, São Paulo, Editora Paulus.

Francisco (19/03/2016), Exortação Apostólica Pós Sinodal ‘Amoris Laetitia’, São Paulo, Editora Paulinas.

Francisco (19/03/18), Exortação Apostólica ‘Gaudete et exsultate’, Brasília, Edições CNBB .

João Paulo II, (22/11/1981) Exortação Apostólica ‘Familiaris Consortio’, São Paulo, Editora Paulus.

João Paulo II (30/12/1988), Exortação Apostólica ‘Christifideles laici’, São Paulo, Edições Loyola.

Paulo VI (25/07/1968), Encíclica ‘Humanae Vitae’, (12ª. ed.), São Paulo, Editora Paulinas.

Pio XI (31/12 /1930), Encíclica ‘Casti connubii’. Consultado em [http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19301231\\_casti-connubii.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html) (11/03/2019).

### **Documento Histórico**

Bíblia Sagrada (1991), São Paulo, Editora Paulus.

## **VII- Anexos**

### **7.1) Documentos enviados por Pe. Henri Caffarel à Comissão Conciliar para o Apostolado dos Leigos (Allemand e Allemand, 2003, 147-170)**

#### **1) O matrimônio cristão na Igreja do século XX (dezembro de 1960)**

Diz o Santo Padre que o Concílio será fonte, para a Igreja, de um “novo vigor”. Pressupõe-se, para tanto, que primeiramente ela se questione a respeito de seu ensinamento, de seus organismos, de suas atividades...

Assim como ela se debruça sobre o estado clerical e sobre a vida religiosa no mundo, ela deve interrogar-se também sobre este outro “estado de vida” que é o casamento, sobre a qualidade, a saúde, a vitalidade de todos esses casais cristãos, que alicerçam sua vida sobre o sacramento do matrimônio do qual a Igreja é a guardiã.

A importância numérica dos casais na Igreja é considerável: em 480 milhões de católicos, deve-se calcular aproximadamente 120 milhões de casais (ou seja, 240 milhões de cristãos casados), formando lares onde vivem uns 180 milhões de crianças e de jovens de menos de 21 anos.

Sua importância moral e religiosa é também grande. A vitalidade e a impulsão da Igreja são fortemente determinadas pela vitalidade cristã desses 120 milhões de casais. E pela vivência cristã individual das 420 milhões de pessoas que compõem os lares católicos.

Assim, a Igreja não pode simplesmente pensar nos “leigos” como se fossem celibatários, vivendo isoladamente. Deve também e principalmente interrogar-se a respeito dos lares cristãos, a respeito da forma como o matrimônio cristão é entendido e vivido hoje.

O presente trabalho não é um estudo da situação do matrimônio cristão na Igreja de hoje, dos problemas que se colocam, das soluções possíveis. Sua única ambição é a de apresentar o esquema para tal estudo. O autor está consciente de que este esquema, preparado às pressas, mereceria ser corrigido e completado.

Tal como se apresenta, este trabalho poderá chamar a atenção da Comissão para o Apostolado dos Leigos para os aspectos do matrimônio cristão que carecem de estudo e soluções. Em certos casos, tratar-se-ia de aprofundar e explicitar um dado tradicional; em outros, de adaptar a disciplina da Igreja às condições criadas pela civilização moderna.

O documento se compõe de cinco partes:

I- O casal cristão está não somente ameaçado, mas contaminado pelo ambiente pagão do mundo atual em que se insere. Para protegê-lo e ajudá-lo a realizar o pensamento divino sobre o matrimônio, impõe-se à Igreja:

II- Um esforço pastoral mais estudado, mas eficaz do que aquilo que se faz atualmente.

III- Um aprofundamento doutrinal nos campos do dogma, da moral, da espiritualidade.

IV- Este duplo esforço pastoral e doutrinal terá por efeito suscitar casais que tragam para a Igreja não somente a riqueza da sua vitalidade espiritual, mas também a sua insubstituível cooperação para a expansão do Reino de Deus.

V- A Igreja tem por obrigação ser a educadora espiritual dos casais católicos. Deve, porém, considerar também as formas de ajudar os não católicos a descobrir o verdadeiro rosto do matrimônio cristão.

### **I- Situação do Matrimônio Cristão**

1- Uma renovação - Uma pequena elite de casais vem, há trinta anos, manifestando um interesse muito grande pelo ensinamento doutrinal da Igreja a respeito das grandezas do casamento cristão e esforçando-se por viver todos os recursos do sacramento do matrimônio. Esse fenômeno mereceria um estudo

cuidadoso; não se trata de um fato relativo a alguns casais de um determinado país, pois pode ser observado em quase todos os países. É um fenômeno original, que não parece ter equivalente nos séculos passados. Seria importante isolar as razões desta renovação, descobrir os meios de fomentá-la, as possibilidades de ajudar a sua expansão.

2- Uma decadência - A degradação da instituição familiar, tanto em pensamento como na vivência, parece ser bem mais geral do que a sua renovação, em quase todos os países. Seria conveniente pesquisar os erros e as influências que se insinuam nos próprios casais cristãos e que os solapam, assim como as deficiências da ação pastoral que explicam a vulnerabilidade desses casais a tais influências. Nenhuma ação para proteger e renovar o casal cristão será verdadeiramente eficaz, se não se basear sobre um estudo preciso daquilo que deve ser corrigido no pensamento e na conduta dos casais cristãos.

3- As consequências - A urgência das medidas a serem tomadas apareceria ainda mais claramente, se refletisse sobre as consequências, para a Igreja como um todo, desta degradação do casamento: rarefação das vocações sacerdotais e religiosas, das vocações para a Ação Católica, perda de sentido da vida consagrada, deficiência da educação dos filhos... Quando se corrompe uma das fontes vivas da Igreja, a Igreja inteira é afetada.

## **II- Impõe-se um esforço pastoral**

Evidencia-se a necessidade, para a Igreja, de debruçar-se sobre sua ação pastoral atual neste campo do matrimônio e sobre seus resultados; de estudar as reformas que devem ser feitas, as iniciativas a serem tomadas. Somente uma ação audaciosa, de grande envergadura, conduzida com vigor, conseguirá proteger a instituição familiar, ou melhor, permitir-lhe dar todos os frutos de santidade que, por direito, dela se pode esperar.

Quase sempre a pastoral atual ignora o casal, as suas necessidades e os seus recursos. Negligenciar o casamento, uma sociedade fundada por Deus e que transcende



todas as demais, a única entre todas a se basear sobre um sacramento, seria um ato de gravíssimas consequências: estão em causa a vida individual do cristão e a própria vitalidade da Igreja.

1- Preparação Remota - A fragilidade dos casais decorre muitas vezes da ausência de uma preparação remota e indireta do casamento. É verdade que a educação geral já é uma preparação ao casamento, mas não deixa de ser necessário que os educadores, e mais especialmente os pais, levem as crianças a refletir sobre as duas vias que se lhes abrem: a vida consagrada a Deus e o matrimônio. É necessário que os ajudem a adquirir ideias corretas sobre o casamento: sua natureza, suas finalidades, suas características. Os jovens que não possuem esta visão correm o grave risco de enganar-se na escolha do parceiro e destinar, assim, sua união ao fracasso, desde o princípio. Seria conveniente perguntar-se como a Igreja poderia obter que os educadores dessem esta formação e de que maneira ela poderia ajudá-los. Não deveria a própria catequese alertar as crianças sobre estas questões?

2- O Noivado- Os interessados, assim como suas famílias e o próprio clero, parecem ver no noivado apenas uma fase da vida humana sem grande importância. Ao contrário, os estudos de psicologia como também a experiência levam à convicção de que se trata de um período de importância capital e insubstituível: é quando se deitam os alicerces do lar.

Em assim sendo, não seria essencial que a Igreja interviesse sem mais tardar? Não seria de se desejar que houvesse uma cerimônia religiosa específica para o noivado? Não se poderia considerar o momento em que os jovens ficam noivos como o início de um “catecumenato do matrimônio”? A objeção de que isto poderia prejudicar a inteira liberdade com a qual os noivos devem abordar o casamento não parece justificada: a tonsura ou os votos simples não comprometem a liberdade que o seminarista ou o religioso têm para dar o passo decisivo.

3- Preparação Próxima - Para todos os demais sacramentos, a Igreja exige uma preparação séria: primeira comunhão, confirmação, sacerdócio, batismo dos adultos; por que não exige-la para o casamento? Podemos perguntar-nos se esta não é uma das decisões mais urgentes que se impõem. Quando se pensa na gravidade e no caráter irrevogável do compromisso matrimonial, nas obrigações que os casados assumem, nas exigências da moral conjugal, é assustador ver-se tantas pessoas que se casam “no religioso”, sem terem sido preparadas, ignorantes do essencial do ensinamento cristão. Esta falta de preparação é a causa de inúmeros dramas matrimoniais.

A preparação ao matrimônio, ao mesmo tempo em que revelaria as grandezas e as exigências do casamento cristão, os deveres que impõe e as graças que traz, levaria os católicos, cuja maior parte nada mais aprendeu desde a catequese de preparação à primeira comunhão, à descoberta de uma religião adulta.

Alguns bispos tornaram obrigatória esta preparação e estão muito satisfeitos com isso. Seria conveniente examinar de perto os resultados. Mas é preciso precaver-se contra fórmulas simplificadoras. Essa preparação não deveria ter uma duração de três meses? (Evitar tantos casamentos concluídos as pressas não seria a menor vantagem de tal medida). Com a possibilidade de dispensa, em determinados casos.

Somos levados a pensar que uma decisão do Concílio nesta matéria traria uma forte contribuição para a renovação do matrimônio cristão, da mesma forma como contribuíram para a renovação do clero as decisões do Concílio de Trento na questão de preparação ao recebimento da Ordem.

4- Inquérito Canônico - Seria conveniente pesquisar seriamente os resultados dessa prática. É possível que sua forma e, sobretudo, sua aplicação precisem ser ajustadas. Inserido no quadro de uma preparação obrigatória, passaria a ter um significado e um alcance bem maiores.

5- Admissão ao Matrimônio - A quem se deve conceder o sacramento do matrimônio e a quem se deve recusá-lo? É uma questão ligada às anteriores. Uma questão difícil e que será frequentemente insolúvel no nível local, enquanto a Igreja não tiver assumido uma medida geral. É um ponto que mereceria um estudo cuidadoso.

6- Rito do Matrimônio - Um rito que valorizasse mais o caráter religioso do sacramento contribuiria para uma renovação da estima e do respeito pelo matrimônio cristão. O atual rito romano é pobre. Será que não conviria dotar a cristandade de um novo rito que comportasse, como em certos países, cerimônias mais densas, mais litúrgicas, uma troca de consentimentos mais expressiva, um convite à comunidade presente para rezar e assumir o encargo do novo casal? Um tal rito teria o mérito de sublinhar o caráter sacramental do matrimônio, e também sua importância eclesial. Teria o valor de um ensinamento para os esposos e para aqueles que os cercam. A comunhão sob as duas espécies não poderia ser dada aos esposos na missa do seu casamento?

7- Atividade Pastoral junto aos cristãos casados - Fundado o lar do casal, o clero deveria ter uma grande preocupação em sustentá-lo e guiá-lo, em pesquisar os meios de fazê-lo, em movimentar com grande zelo os meios para tanto.

- A pregação - Uma pesquisa levaria sem dúvida à conclusão de que a pregação neste campo é ainda mais deficiente que nos demais. A experiência prova que os casais precisam, ao longo de sua vida, aprender a descobrir cada vez melhor o pensamento de Deus sobre todas as realidades do matrimônio: seu caráter sacramental, suas grandezas, suas leis; sobre o amor, a paternidade, a maternidade, a sexualidade, a procriação, a educação; sobre os grandes momentos da vida da família: nascimentos, doenças, casamentos, mortes... O silêncio das pregações sobre esses grandes temas da vida conjugal e familiar leva os casais à convicção de que casamento e vida familiar são uma coisa, e a religião outra.

- O sacramento da penitência - Poderia desempenhar um papel importante para ajudar o cristão casado não somente a afastar-se do pecado, mas também a descobrir a grandeza religiosa de sua vocação, o meio de santificar-se na e pela via conjugal. Na verdade, parece que não existe outro campo onde os padres se situam tão incapazes para cumprir sua missão de educadores espirituais. São numerosos os que temem a confissão de pessoas casadas e que procuram esquivar-se. E entre os demais, alguns abandonam os princípios, enquanto outros aplicam com um simplismo tal, que se tornam causa de catástrofes conjugais. Os fiéis sentem uma impressão de grave mal-estar diante desses conselhos contraditórios. Quantos, dentre os melhores, muitas vezes militantes da Ação Católica, abandonam a prática dos sacramentos, por não terem encontrado no sacerdote um educador espiritual.
- Os exercícios espirituais para casais - Nos últimos trinta anos, os retiros fechados para casais se multiplicaram em numerosos países. Esta parece ser uma das iniciativas que mais ajudam os casais na sua vida cristã. Mas é preciso, também neste campo, precaver-se contra soluções simplificadoras.
- Publicações - A literatura religiosa para a formação dos cristãos casados é, em seu conjunto, muito pobre. Um grande esforço é de se desejar, neste setor.

8- Matrimônio e perfeição cristã - Os cristãos casados – estimulados por muitos padres ainda – têm na maioria a convicção de que a perfeição cristã não é para eles. É um erro trágico: quem não tender para a perfeição desliza rapidamente para a mediocridade, para o pecado. Está aí uma das explicações para a atual decadência do casamento cristão. Ao contrário, que impulsão não se suscitaria nos casais se lhes fizesse ouvir o apelo de Cristo para a perfeição, se lhes ensinasse que esta perfeição consiste na caridade e não nos votos religiosos e que o casamento, longe de ser um obstáculo, é um meio para se chegar à perfeição da caridade!

Além de uma doutrina ascética para seu estado de vida, para seu sacramento, parece muito necessário fomentar o desabrochar (e apoiar o trabalho) das associações de casais que oferecem a seus membros uma doutrina ascética pensada em função do seu estado de vida, uma regra, uma estrutura, uma formação, conselheiros espirituais. Quando vemos o extraordinário sucesso daquilo que já se faz, somos levados a pensar que este é um meio que poderá contribuir de forma muito eficaz para a renovação do matrimônio cristão e, através deste, para a renovação da sociedade.

9- A viuvez - Em nosso mundo moderno, como consequência das guerras, dos acidentes, das doenças, são muitos numerosos os casais desmembrados. É lícito perguntar-se por que as viúvas, que eram tão especialmente consideradas na Igreja durante muitos séculos, como o recomendam as Escrituras, são hoje tão esquecidas. Ora, essas mulheres, arrimos de seus filhos, sobrecarregadas pelo peso das tarefas que lhes incumbem, têm um testemunho da maior importância a dar na Igreja: o da fidelidade do amor para além da morte. Está aí toda a história da Igreja, para mostrar-nos a santidade florescendo entre elas.

Uma atividade pastoral junto às viúvas exigiria uma doutrina da viuvez – cujas bases foram lançadas por um discurso de Pio XII (16 de setembro de 1957). Por outro lado, pareceria desejável que, na linha do antigo “ordo viduarum”, que prosperou durante onze séculos, institutos sejam suscitados para dar suporte às mulheres que são chamadas à perfeição através de uma profissão de viuvez.

Ainda mais desprovida de auxílio e de doutrina é a viuvez masculina.

10- Divorciados que não voltaram a se casar - Em alguns países, esta categoria de cristãos é bastante numerosa. É uma das mais desfavorecidas, logo, das mais vulneráveis. E com frequência, trata-se de homens ou mulheres de grande mérito: vítimas de uma provação cruel, devem educar seus filhos sozinhos, devem viver com dignidade e ao mesmo tempo num isolamento perigoso. A pastoral da Igreja não pode negligenciá-los.

11- Divorciados que voltam a se casar - Alguns deles não têm a possibilidade de deixar o companheiro, pois tem filhos cuja educação deve ser continuada. Mas há entre eles aqueles que, tendo descoberto ou redescoberto a fé cristã, aspiram a uma vida espiritual, mesmo sabendo que a prática dos sacramentos lhes é vedada. Não seria o caso de se fazer algo por eles?

### **III- Impõe-se um aprofundamento doutrinal**

O grande esforço pastoral que se impõe exige um aprofundamento teológico que lhe forneça bases doutrinárias e assim assegure a sua eficácia. Pois se não se caracterizar como transmissão ao povo fiel do pensamento divino sobre o matrimônio e sobre todas as realidades inseridas no casamento, esse esforço pastoral será desde logo destinado ao fracasso.

1- No âmbito filosófico - A reflexão teológica e pastoral sobre o matrimônio é frequentemente decepcionante e ineficaz. Será que isso não ocorre porque falta, na base, uma filosofia correta do casal? Parece que se fica por demais preso a uma visão do indivíduo casado, sem se ver a “relação conjugal”. É uma relação de natureza única, diferente das demais relações humanas. Uma reflexão filosófica que aprofundasse o que se pode chamar de “ontologia do casal” contribuiria com muito vigor, sem dúvida, para o progresso da doutrina cristã do matrimônio.

2- Teologia dogmática - A teologia do matrimônio é insuficiente. Não será porque não acompanhou os progressos da eclesiologia e da teologia dos sacramentos? Pareceria necessário ter uma visão mais clara da sacramentalidade do matrimônio, não se ficando apenas numa concepção moral e religiosa do casamento, mas aprendendo seu aspecto “místico” – ou seja, sua relação com o mistério de Cristo –, tendo-se assim uma visão mais clara também da natureza, das finalidades, das propriedades, da “permanência” do sacramento, da função do casal cristão na Igreja. São diversos ângulos sobre os quais a pastoral do matrimônio exige esclarecimentos.

3-Teologia moral - A moral do matrimônio que se oferece aos fiéis é apenas uma casuística das relações sexuais. Nunca se obterá uma renovação do casamento cristão se não se levar aos cristãos casados uma moral que seja ciência do progresso religioso no e pelo estado de vida santificado e santificante que é o matrimônio.

Certos pontos importantes, no entanto, merecem uma atenção especial: todos os problemas levantados pela vida sexual dos esposos (castidade conjugal, programação dos nascimentos, práticas lícitas e práticas ilícitas, o “amplo reservado” ...).

4- Teologia espiritual - Não basta lembrar aos cristãos casados que o matrimônio não é um “estado de imperfeição”, é preciso também apresentar-lhes uma doutrina ascética e mística, uma “espiritualidade” elaborada não a partir da vida monástica, mas de seu estado de vida específico, com todas as suas exigências, suas dificuldades e suas graças, e que seja elaborada com eles. Existem poucas áreas onde um esforço de reflexão se imponha com tanta urgência: as pesquisas realizadas neste sentido, nos últimos trinta anos, por alguns sacerdotes e casais, podem constituir um bom ponto de partida.

5- Formação do clero - Para que todo este esforço de reflexão teológica que acabamos de descrever venha a suscitar, inspirar, animar o imenso esforço pastoral que se impõe para a renovação do matrimônio cristão, seminaristas e sacerdotes devem receber uma sólida formação neste campo. O que fazer?

#### **IV- Caminhando para uma renovação da Igreja através de uma renovação do matrimônio cristão**

Não basta pensar no casal cristão como sujeito destinatário e beneficiário da ação pastoral da Igreja: é preciso ver nele, também, o sujeito ativo que deve cooperar com toda a Igreja para a edificação e a expansão do Corpo Místico de Cristo.

Pesquisar a vocação e a missão eclesial do leigo partindo das exigências do batismo e da crisma é uma coisa; coisa diferente, porém é bem definir a vocação e a missão do casal cristão partindo de uma teologia do sacramento do matrimônio. Este sacramento não dispensa as pessoas casadas das obrigações oriundas do batismo e da crisma, mas confere ao casal, como tal, um *officium* insubstituível na Igreja. Os Padres da Igreja designavam comumente o casamento pelos termos *officium*, *gradus*, *profesio*, *ordo*, todas expressões que sublinhavam o lugar e a função da “ordem dos cônjuges” na Igreja.

1- O casal cristão, célula de Igreja - Não somente no sentido social, mas no sentido místico: o casal cristão participa do mistério da Igreja, nele se realiza de modo elementar a vida e o mistério de todo o Corpo. É o que levava Pio XI a dizer, na *Casti connubii*: “Enquanto os esposos viverem, sua sociedade é o sacramento do Cristo e da Igreja”. Sacramento, sinal da união de Cristo e da Igreja, fonte de graça para os esposos, irradiação de graça para os que os cercam. Sendo, portanto, célula de Igreja, o casal participa das grandes funções da Igreja.

2- Procriação - É preciso destacar esta função original e insubstituível do casal no seio da Igreja, através da qual fornece os membros para o Corpo Místico de Cristo. Tal função possui um caráter especificamente religioso, pelo fato de ser assumida por um casal consagrado pelo sacramento do matrimônio e exercida na intenção de fornecer a Deus “adoradores em espírito e em verdade”.

3- O lar cristão participa da função real da Igreja - O lar cristão é o lugar privilegiado onde acontece o que Pio XII chamava de “consagração do mundo”. As coisas e as atividades temporais, as tarefas do dia-a-dia, a união física dos esposos ali adquirem uma qualidade e uma finalidade religiosa e participam da existência consagrada do casal, fundada sobre o sacramento do matrimônio. O lar cristão é uma fração do universo que se tornou Reino de Deus. Em relação aos filhos, os pais são pastores que têm a missão de conduzi-los “pelos retos caminhos” às “fontes da vida” e de fomentar a ordem cristã e a caridade nessa *ecclesiuncula* sob sua responsabilidade. É o que levava Santo Agostinho a dizer



aos pais de família que, de certa forma, eles desempenham uma missão episcopal e sacerdotal.

4- O lar cristão participa da função sacerdotal da Igreja - A exemplo de toda realidade consagrada dentro da Igreja, o lar tem habilitação e delegação para o culto a Deus. De modo particular, a procriação e a educação querem ser uma oferenda a Deus e uma formação de filhos que, por sua vez, se tornarão adoradores em espírito e em verdade. É no lar da família que os filhos devem descobrir a Igreja orante participar de sua ação sacerdotal, antes mesmo de poderem participar da missa e da vida paroquial.

5- O lar cristão participa da função profética da Igreja - Pais e mães têm uma missão eclesial inalienável, que consiste em anunciar a seus filhos a boa nova da salvação e do plano de Deus e de levá-los, pela educação, a conformar seu pensamento, sua vontade, sua vida à mensagem divina. Esta função “profética” dos cristãos casados não visa apenas aos filhos, mas a todos aqueles que vivem no lar e em volta dele. O casal cristão deve comunicar-lhes a mensagem de Cristo. Existem determinados aspectos dessa mensagem que o casal está particularmente apto a transmitir: é a ele que cabe revelar aos homens que Cristo salvou o amor humano; é a ele que cabe, por seu exemplo de vida, “ilustrar e pôr ao alcance de todos”, conforme expressão de João XXIII, a doutrina cristã do matrimônio; é também a ele que cabe proclamar aos olhos dos homens a união de Cristo e da Igreja, cujo reflexo ele oferece e cuja graça ele deve irradiar.

6- O lar cristão participa da função apostólica da Igreja - A ação apostólica do lar é exercida para fora e para dentro. Para fora: o lar, como tal, coopera com o apostolado hierárquico na Ação Católica, exercendo o apostolado dos leigos sob suas diversas formas. Mesmo quando os dois esposos não agem juntos, eles permanecem um, e continua sendo o casal, através de cada um dos seus membros, que dá testemunho de sua fé. O lar é o lugar de graça onde cada um dos esposos, como também cada um dos filhos, vem se reabastecer antes de partir novamente para o serviço da Igreja. Sem dúvida, porém, o mais característico, o mais

específico, é o apostolado “para dentro”. O lar é “célula de Igreja”, “ambiente nutricional” da fé, e é ali que os não-crentes podem encontrar um primeiro contato com a Igreja, que os pecadores podem descobrir a sua misericórdia, que os pobres e os abandonados podem experimentar a sua maternidade. É o lar cristão, posto avançado da comunidade eclesial.

Deve-se observar que hoje não são somente os valores sobrenaturais que se acham comprometidos em numerosos lares, mas também os valores naturais. Em contrapartida, naqueles em que o sacramento do matrimônio dá seus frutos de santidade, os valores naturais são logo restaurados. Portanto, a sociedade civil seria a primeira a beneficiar-se de uma restauração do matrimônio cristão. E a Igreja, inserida num corpo social mais forte e mais são, poderia prosseguir com maior eficácia a sua obra de santificação.

Evidentemente, porém, a Igreja será a principal beneficiária de uma renovação do matrimônio cristão. Dos lares cristãos, ela passará a receber novos membros, entre os quais encontrará as vocações sacerdotais e religiosas das quais tanto precisa. Pois a experiência demonstra que o amor conjugal fiel à sua vocação é uma “fonte de virgindade”, da mesma forma que, reciprocamente, a virgindade é um convite à santidade conjugal. É igualmente no lar cristão que a Igreja encontrará as vocações de militantes para a Ação Católica das quais é tão carente.

Na renovação da “ordem dos cônjuges”, é a Igreja inteira que se renova.

Nos países onde existe perseguição, a missão dos lares cristãos aparece sob um enfoque mais novo. São como as últimas trincheiras onde se refugia a Igreja. É nessas “famílias-catacumba” que Cristo poderá preparar uma nova primavera para sua Igreja. Mas seria preciso que esses lares, na medida do possível, fossem preparados para a sua heroica missão.

## **V- Apresentar ao mundo moderno o verdadeiro rosto do matrimônio cristão**

Constata-se com tristeza que, da doutrina cristã do matrimônio, o mundo moderno só conhece as proibições e não se apercebe de que Cristo veio salvar o casal humano, oferecendo-lhe esta admirável promoção que é o sacramento do matrimônio. Há todo um aspecto positivo e exaltante da doutrina do matrimônio cristão que seria desejável que fosse apresentado ao nosso mundo. Considerando-se que em nosso tempo, como em todos os tempos, o coração humano é habitado pela inconfundível esperança de viver um grande amor conjugal, o anúncio da doutrina cristã, apresentada com toda a sua amplitude e toda a sua beleza, teria a possibilidade de encontrar um eco profundo junto aos nossos contemporâneos, que frequentemente são menos sensíveis a outras perspectivas cristãs. Valeria a pena perguntar-se como se poderia levar os homens de hoje a conhecer a doutrina cristã do matrimônio em toda a sua riqueza.

Algumas propostas: uma encíclica sobre as grandezas do sacramento do matrimônio; um sínodo sobre a natureza, a vocação e a missão do casal cristão; missas próprias em honra de casais onde ambos os cônjuges foram canonizados, um “comum” das pessoas casadas, e todas as iniciativas que enfatizem que o casamento é um caminho para a santidade...

### **À guisa de conclusão**

Este trabalho queria mostrar a importância do matrimônio cristão, tanto para a santificação daqueles que a ele são chamados quanto para o enriquecimento da Igreja através da cooperação que os cristãos casados lhes devem trazer.

Se o autor foi bem-sucedido neste propósito, então as duas linhas de esforço sugeridas na segunda e terceira partes do estudo, no plano da reflexão teológica e do nível pastoral, não irão parecer arbitrárias e sim impostas por uma necessidade imperiosa.

Talvez fosse o caso de enfatizar ainda que o esforço pastoral que se deseja não deve ser do tipo defensivo, agressivo, apologético, sob pena de agravar a situação. É importante que seja precedido por uma reflexão doutrinal, que seja animado por esta e dirigido por uma preocupação pela educação espiritual.

### **Post-Scriptum**

Durante a elaboração e a redação deste trabalho, uma reflexão foi se impondo: este campo imenso do matrimônio cristão, que reúne as mais diversas disciplinas – teologia, direito canônico, liturgia, sociologia, filosofia, pastoral – parece estar situada de forma bastante arbitrária no seio da Comissão para o Apostolado dos Leigos.

Ou este assunto só obterá uma atenção limitada, e o Concílio corre o risco de não levar em conta uma das necessidades mais urgentes da cristandade; ou então será estudado em toda a sua amplitude, e neste caso poderá vira a polarizar os trabalhos da Comissão para o Apostolado dos Leigos, não lhe deixando liberdade suficiente para tratar de todos os graves problemas que se lhe impõem.

O que se deve concluir? Não cabe ao autor deste trabalho fazê-lo. No máximo, poderá aventurar-se a sugerir que seja formada uma subcomissão da Comissão para o Apostolado dos Leigos, que compreenda um número suficiente de membros competentes para destrinchar esse vasto setor. Melhor ainda, se fosse instituída uma Comissão, que assumisse o encargo deste terceiro estado de vida que é o matrimônio, ao lado das comissões para os outros estados de vida, o clero e a vida religiosa.

*Henri Caffarel*

## **2) A missão apostólica do casal e da família (maio de 1961)**

As dez “proposições” seguintes procuram destacar os diversos aspectos da função apostólica do casal e da família na Igreja, segundo o ensinamento tradicional.

A união do homem e da mulher, pelo sacramento do matrimônio, se incorpora ao Corpo Místico, do qual se torna órgão vivo e ativo. Sua finalidade é a mesma de todo o Corpo: o crescimento intensivo e extensivo deste último. Mas o casal tem a sua maneira própria de cooperar neste crescimento, que constitui sua missão apostólica específica, insubstituível.

Hoje, um grande número de casais cristãos, em decorrência de circunstâncias favoráveis – sociológicas, psicológicas, religiosas – alcançam um estágio de maturidade humana e espiritual nunca antes atingido.

Se a Igreja desenvolvesse um esforço de grande envergadura para levar os casais cristãos do mundo inteiro (aproximadamente 120 milhões) a compreender a sua missão apostólica, para prepará-los para esta missão e para ajudá-los a desempenhá-la, ver-se-ia um fato sem precedentes na história do apostolado: um afluxo impressionante de casais, vindo pôr à disposição da Igreja as poderosas energias humanas e sobrenaturais do amor conjugal e do sacramento do matrimônio. E fariam isso com um extraordinário entusiasmo, por terem descoberto que eles não são apenas recipientes, beneficiários do apostolado da Igreja, mas também sujeitos ativos.

No momento em que a população do globo cresce num ritmo vertiginoso; em que, em quase todas as partes do mundo, o clero está em número gravemente insuficiente; em que, em muitos países, a ação do sacerdote é entravada pela perseguição, este surgimento em massa de famílias cristãs, células de Igreja, “casas de oração” e ao mesmo tempo lares de apostolado, permitiria esperar uma prodigiosa penetração da influência evangélica num mundo em que o materialismo ameaça submergir.

Um tal apelo lançado pela Igreja aos casais se situaria bem na lógica dos grandes apelos dos últimos papas para o apostolado dos leigos: seria como que seu prolongamento, sua finalização lógica e seu coroamento.

### **I) O sacramento do matrimônio, fundamento da missão apostólica do casal**

O casamento, que Deus instituiu desde a origem e que associou a Si mesmo para a realização de seu Plano, foi elevado por Cristo sacramento da Nova Aliança. Doravante, incorporada como tal ao Corpo Místico, a união conjugal de dois batizados coopera de uma forma que lhe é própria, na qualidade de órgão, para as atividades vitais pelas quais este Corpo busca seu crescimento extensivo e intensivo.

É preciso, portanto, afirmar que o sacramento do matrimônio, como tal, confere ao casal cristão uma missão apostólica específica. Esta não se limita às reponsabilidades apostólicas que esposos assumem individualmente em função de seu batismo e de sua confirmação. Fornece-lhes, ainda, as graças sacramentais que lhes permitem não somente santificarem-se no e pelo seu estado de vida, mas também desempenharem a sua função dentro da Igreja.

### **II) Manifestar e difundir a santidade da união de Cristo e da Igreja**

O casal cristão não é somente a imagem, mas, mais ainda, o sinal eficaz, o sacramento da união de Cristo e da Igreja, união esta que o envolve, o penetra, o santifica e o torna santificante. – “Enquanto os esposos vivem, sua sociedade é sempre o sacramento do Cristo e da Igreja” (*Casti connubii*). Assim, o primeiro aspecto da missão do casal consiste ao mesmo tempo em manifestar esta união do Cristo e da Igreja e em irradiar sua influência santificadora.

Apresentar o espetáculo de uma vida conjugal feliz e santa é proclamar, da forma mais convincente, a salvação que Cristo oferece ao mundo, a reconciliação entre a carne e o espírito, assim como a união dos corações que ele opera naqueles que se abrem à sua lei de caridade e à influência de sua graça.

### **III) Os esposos, ministros da graça um para o outro**

O sacramento do matrimônio confere a cada um dos esposos o poder – que se torna dever – de ser para o outro ministro da graça, bem como testemunha e cooperador da caridade de Cristo. “Esta mútua formação interior, esta assídua aplicação em trabalhar seu aperfeiçoamento recíproco” (*Casti connubii*) é realizada pelos esposos ao ajudarem-se um ao outro em todos os campos, e notadamente no cumprimento de suas funções próprias no seio da família.

No lar onde apenas um dos esposos observa a lei do Senhor, este, pelo testemunho de sua fé, por seu amor fiel e paciente, torna presente a influência de Cristo Salvador, junto a seu cônjuge não-crente ou pecador. Assim se verifica a palavra de São Paulo: “O marido não-crente é santificado pela mulher e a mulher não-crente é santificada pelo marido cristão” (1Cor 7,14; cf. 1Pd 3,1).

### **IV) Procriação e educação, fim primeiro do matrimônio**

A função principal e insubstituível do casal cristão é de contribuir, pela procriação, pela apresentação ao batismo e pela educação, para o crescimento do Corpo Místico.

Em virtude do sacramento do matrimônio, o pai e a mãe têm um verdadeiro poder ministerial que os habilita, juntos e cada um segundo a sua função, a retomar, a nível sobrenatural, pela transmissão da fé, o ofício original de transmissão de vida. Numa primeira fase, a educação religiosa da criança pequena, assim como sua educação humana, cabem exclusivamente aos pais; durante seu crescimento, mesmo sendo altamente desejável que uma influência sacerdotal se faça sentir, o papel dos pais não deixa de ser o principal, para ajudá-la a conquistar uma fé adulta e a responder ao apelo que Deus lhe reserva.

A comunidade conjugal e familiar, na qualidade de célula da Igreja, oferece o “ambiente nutricional” mais favorável ao enriquecimento e ao desabrochar da fé da

criança, assim como o terreno privilegiado onde vocações sacerdotais e virginais possam nascer.

### **V) O apostolado no lar**

Um verdadeiro lar cristão – célula de Igreja na qual a vida e o mistério de todo o Corpo são revelados e realizados de forma elementar – é como uma etapa no caminho da conversão e do recebimento dos sacramentos. Nele, não-crentes e pecadores têm um primeiro contato com a Igreja, sua maternidade e sua santidade. Nessa comunidade de fé e de caridade, os seres mais frágeis e isolados (catecúmenos, neófitos...) encaminhados pelos sacerdotes, encontram proteção e alimento para sua vida cristã principiante e vacilante.

Desta forma, o lar cristão desponta como exercendo, por seu apostolado de acolhimento, uma função de mediação de grande importância entre o mundo e a hierarquia da Igreja.

### **VI) Apostolado fora do lar**

A missão apostólica da comunidade conjugal e familiar transborda dos limites do lar. Essa comunidade se sente pressionada a instaurar em torno dela a caridade que lhe dá vida, a comunhão em Cristo que ela realiza entre seus membros. Pelo simples fato de sua presença ela já o faz – à maneira de um fermento – no ambiente onde ela existe.

Ela coopera, no meio local (prédio, bairro...) como também no seu meio social e profissional, sozinha ou em associação com outros – em ligação com o clero, na paróquia, ou inserida em movimentos da Ação Católica – para a implantação do Reino de Cristo, através de suas atividades propriamente apostólicas e também por suas atividades temporais.



O casal cristão revela-se particularmente apto para determinadas atividades apostólicas da Igreja, tais como a preparação dos noivos para o casamento, o auxílio para casais em dificuldade...

Além dessa ação apostólica da comunidade conjugal e familiar como tal, cada um de seus membros quer ser, em todo lugar, testemunha de Cristo. Mesmo que para as crianças essa atividade individual seja exercida tão somente em função do seu batismo e de sua confirmação, ela não deixa de buscar na comunidade familiar os estímulos e as graças. A família cristã é uma escola e um centro de apostolado.

### **VII) Cooperação com o apostolado hierárquico e com o apostolado missionário**

Existem casais cuja vocação consiste em colaborar muito diretamente com o apostolado hierárquico, colocando todo o seu tempo a serviço de uma tarefa da Igreja (ensino, catecumenato...) ou de um movimento de Ação Católica...

Outros, em países recém-evangelizados, sem renunciar à sua profissão, mas exercendo-a em ligação estreita com o clero local ou estrangeiro, dão o insubstituível testemunho da família cristã. Eles ensinam e exemplificam por sua vivência aquilo que os sacerdotes ensinam pela palavra, notadamente as leis e as grandezas do matrimônio cristão.

### **VIII) Movimento de casais**

Ao lado do apostolado do casal isolado, existe um apostolado organizado de casais. Eles se agrupam no seio de grandes movimentos nacionais ou supranacionais para cooperar com a missão educativa e apostólica da Igreja (em vista, notadamente, da santificação da família) ou para prepará-la por sua ação no domínio temporal. Eles encontram nesses movimentos tanto a formação espiritual necessária, quanto a força que uma associação dá para uma tarefa de grande envergadura.

## **IX) A santidade dos esposos e o culto familiar, fontes do apostolado do lar**

Quanto maior for sua convicção de, por um lado, terem sido chamados à perfeição cristã como todos os filhos de Deus e de deverem tenderem para ela no e pelo seu casamento e, por outro lado, de serem incumbidos pelo seu sacramento para cooperar na função apostólica e cultural da Igreja, melhor os esposos compreenderão as suas responsabilidades apostólicas, e mais generosamente desempenhá-las-ão. Foco do apostolado, a família é, de fato, em primeiro lugar, “casa de oração”, onde se celebra um culto que precede, prepara e ao mesmo tempo prolonga o culto eucarístico. A leitura e a meditação das Escrituras, a oração do casal e a oração em família são momentos privilegiados deste culto do lar. Mas é toda a vida de família que deve, também, mostrar esse caráter cultural.

A santidade pessoal e o culto são as fontes do apostolado do lar.

## **X) Os casais diante da evangelização do mundo moderno**

O crescimento do Reino de Cristo, em nosso mundo contemporâneo submerso pelos materialismo, exige dos casais cristãos – e das famílias – que não se contentem em ser beneficiários da ação apostólica da Igreja, mas que tomem consciência de que devem ser, eles também, “sujeitos ativos” de apostolado, instrumentos de redenção, na linha de sua missão específica, com os meios e a graça que lhes são próprios. Nunca, em toda probabilidade, estiveram eles tão bem preparados quanto hoje para ouvir este apelo. Se eles responderem em grande número, se eles vierem colocar as energias humanas e divinas do amor conjugal e do sacramento do matrimônio a serviço da Igreja, então esta adquirirá um poder de persuasão, uma força de penetração e de expansão nunca visto até hoje.

No que diz respeito aos países onde a perseguição entrava a ação do clero e suprime as instituições eclesiais, os casais cristãos representam as últimas trincheiras do Corpo Místico. No momento em que os outros sacramentos não podem ser mais administrados, os pais, num vínculo espiritual com a Igreja e a sua Tradição, oferecem

aos seus filhos os meios essenciais para a salvação: o batismo, sacramento da fé, e o ensinamento desta fé. E pelo sacramento do matrimônio, novos lares cristãos são fundados, assegurando a perpetuação da Igreja. Assim, nestas “famílias-catacumba”, a Igreja vive uma vida, elementar sem dúvida, mas capaz de dar os mais belos frutos de santidade. Nelas, Cristo prepara uma nova primavera de graças.

*Henri Caffarel*

## **7.2) Oração pela beatificação do Servo de Deus Henri Caffarel**

Deus nosso Pai, Pusestes no fundo do coração de vosso servo Henri Caffarel um impulso de amor que o ligava sem reservas a vosso Filho e o inspirava a falar dele.

Profeta para o nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um conforme a palavra de Jesus dirigida a todos: “Vem e segue-me”.

Ele tornou os esposos entusiastas da grandeza do sacramento do matrimônio que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a Igreja.

Mostrou que sacerdotes e casais são chamados a viver a vocação para o amor. Orientou as viúvas: o amor mais forte que a morte.

Levado pelo Espírito, conduziu muitos fiéis pelo caminho da oração. Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por vós, Senhor.

Deus nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora pedimos que apresseis o dia em que a Igreja há de proclamar a santidade de sua vida, para que todos encontrem a alegria de seguir vosso Filho, cada um segundo sua vocação no Espírito.

Deus nosso Pai, invocamos o Padre Caffarel para (especificar a graça pedida).

*Oração aprovada por Dom André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris.*

*“Nihil obstar” : 4 de janeiro de 2006. “Imprimatur” : 5 de janeiro de 2006.*

7.3) **Fotos** (Allemand, 1997, 211-219)



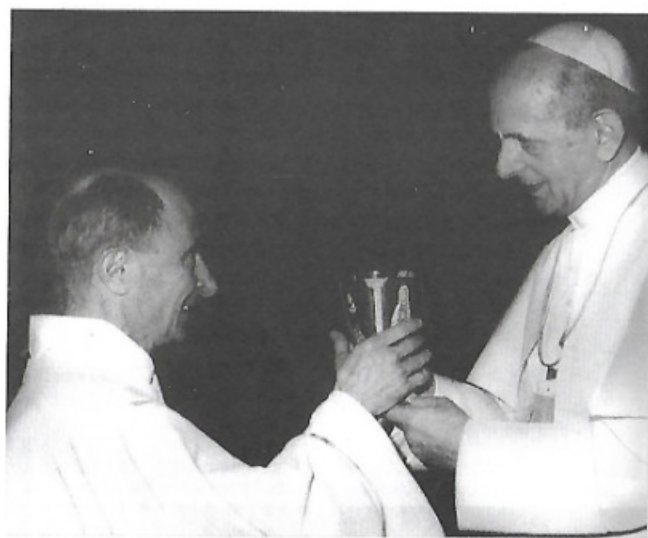
Georges e Henri Caffarel, janeiro de 1909.



Na época do serviço militar, com seu irmão Georges.



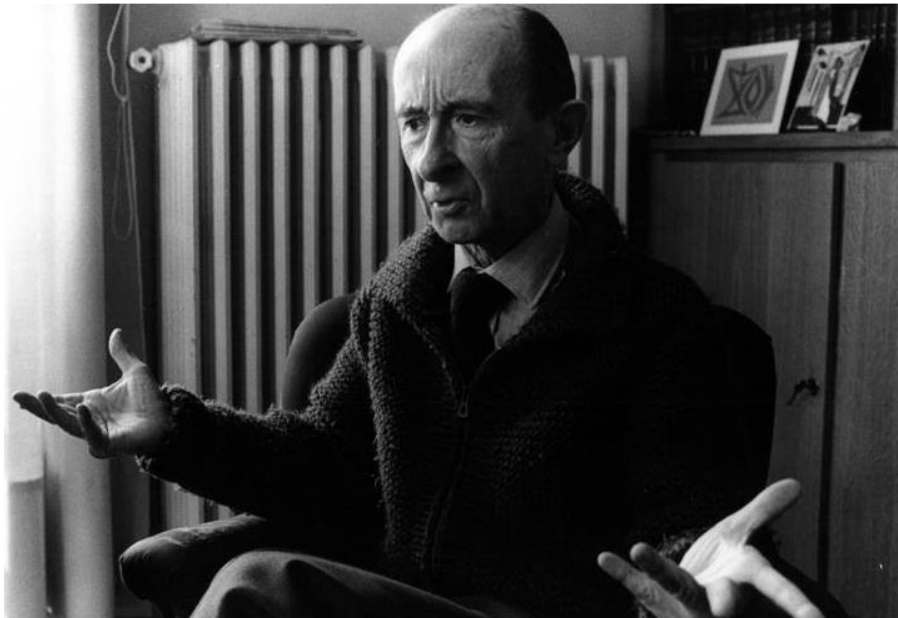
Audiência de João XXII, Roma, 3 de maio de 1959.



Com o Papa Paulo VI, em Roma, 1970.



Audiência em São Pedro, Roma, 1970.



Em Troussures nos últimos anos.





Casa de Oração em Troussures



Túmulo no cemitério de Troussures